



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE
HISTÓRIA BACHARELADO**

MATEUS GONÇALVES DA SILVA

**FACES E MÁSCARAS:
A COMPLEXA TEIA DAS MASCULINIDADES GAYS NO GRINDR EM BELÉM**

**BELÉM
2025**

MATEUS GONÇALVES DA SILVA

FACES E MÁSCARAS:
A COMPLEXA TEIA DAS MASCULINIDADES GAYS NO GRINDR EM BELÉM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de História, da
Universidade Federal do Pará, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Décio Marco
Antônio de Alencar Guzmán

Belém
2025

MATEUS GONÇALVES DA SILVA

FACES E MÁSCARAS:
A COMPLEXA TEIA DAS MASCULINIDADES GAYS NO GRINDR EM BELÉM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de História, da
Universidade Federal do Pará, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Décio Marco
Antônio de Alencar Guzmán

Data de aprovação: 03/09/2025

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Orientador (a)

Prof. Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán – (UFPA)

Avaliador(a)

Prof. Me. Elson Silva dos Santos - (Faculdade Estácio)

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho de conclusão de curso e que, de alguma forma, participaram da minha jornada durante a graduação.

Primeiramente, agradeço especialmente a minha família: meus pais, Janice Gonçalves da Silva e Isaias Gonçalves da Silva; minha mãe do coração, Vavania; e minha irmã, Lais Gonçalves da Silva, pelo apoio, carinho, incentivo, compreensão e fé durante todos esses anos, pois foi o que me permitiu seguir em frente e lidar com os desafios do estudo.

Ao Prof. Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán, pela valiosa orientação, incentivo constante e feedbacks construtivos, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus amigos: Flávia Cerqueira e Eliandria Campos, amigas queridas de uma vida inteira que acompanharam meu crescimento; e, Isaque Nascimento, Lucas Pinheiro, Sabrina Mendes, e Gabriel Tavares - meu pequeno, porém especial, círculo de amigos da graduação - meu apoio emocional ao longo destes últimos quatro anos e meio

Agradeço a Thatiany Fernandes, Bruna Cunha, Durvaneize Costa, Luzielma Gloria, Marcela Teixeira, Maria Bernadete Oliveira, Maria de Nazaré Teixeira e Rosiris Mendes, minhas chefes e primeiras colegas de trabalho, que tiveram um papel essencial ao me incentivar a idealizar um futuro na área acadêmica.

Aos meus colegas do Programa Conexões de Saberes, que me acompanharam nesse último ano como graduando e se tornaram um porto seguro nos momentos de fragilidade.

E, por fim, a todos que em algum momento me desejaram boa sorte, oraram por mim, me ajudaram, ou simplesmente, me concederam um sorriso num dia difícil, deixo meu sincero obrigado.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender como os usuários masculinos do Grindr constroem seus conceitos de masculinidade, quais figuras masculinas estão presentes no aplicativo e de que forma essas masculinidades influenciam suas homosociabilidades. A base teórica fundamenta-se em autores como Judith Butler, que entende o sexo e o gênero como construções performativas, e Richard Miskolci, cujos estudos exploram gênero, sexualidade e interações homossexuais nas redes sociais. As análises resultam do cruzamento de diferentes fontes, como um banco de dados elaborado a partir dos perfis dos usuários, respostas de formulários online e entrevistas. Por fim, a pesquisa também procura fomentar os debates sobre identidades, gênero e experiências homossexuais no espaço virtual, contribuindo para a historiografia brasileira.

Palavras-Chave: Grindr. Masculinidades. Homosociabilidades. Aplicativo Queer

ABSTRACT

This research seeks to understand how male Grindr users construct their concepts of masculinity, which male figures are present on the app, and how these masculinities influence their homosociality. The theoretical framework is grounded in authors such as Judith Butler, who understands sex and gender as performative constructions, and Richard Miskolci, whose studies explore gender, sexuality, and homosexual interactions on social media. The analyses are based on a cross-section of different sources, such as a database compiled from user profiles, online form responses, and interviews. Finally, the research seeks to foster debates on identities, gender, and homosexual experiences in the virtual space, contributing to Brazilian historiography.

Keywords: Grindr. Masculinities. Homosociabilities. Queer App

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	6
METODOLOGIA, FONTES E CONCEITOS	9
1.REFERÊNCIAS TEÓRICAS E HISTÓRICO-SOCIAL DAS MASCULINIDADE ..	14
1.1 Abordagem histórica das diferentes concepções de masculinidade	14
1.2 Discussões teóricas sobre hegemonia masculina, heteronormatividade e performances de gênero.....	16
1.3 Evolução das masculinidades na sociedade contemporânea, incluindo o impacto das mídias e das tecnologias na construção dessas identidades.....	23
1.4 Contextualização do uso de aplicativos de encontros, como o Grindr, na expressão de masculinidade.....	27
2.O GRINDR E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NA ERA DIGITAL	30
2.1 Panorama do uso do Grindr em Belém e outras regiões brasileiras, com referências às obras de Grohmann e Miskolci	30
2.2 Análise das representações de masculinidade nos perfis virtuais: o masculino discreto”, o “afeminado”, o “ másculo”, entre outros	33
2.3 Como as interações digitais reforçam, questionam ou desestabilizam conceitos tradicionais de masculinidade	35
2.4 Discussão sobre hierarquias de gênero, preconceitos e resistência na esfera virtual.....	40
3.PERFORMANCES MASCULINAS, SOCIALIZAÇÃO E IDENTIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL E OFFLINE	44
3.1 Relação entre as “tribos gays” de Belém, a construção de identidades coletivas e o impacto das redes sociais	44
3.2 Influência das performances online nas sociabilidades e identidades masculinas no cotidiano	49
3.3 Resistências e negociações de gênero em diferentes espaços, virtuais e presenciais.....	52
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	63
APÊNDICE B - PERFIL DE PESQUISA	64
APÊNDICE C- PERGUNTAS DOS FORMULÁRIOS	65
APÊNDICE D - PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS	70
APÊNDICE E - BANCO DE DADOS (50 PERFIS)	71

INTRODUÇÃO

As tecnologias comunicacionais do presente nos transformaram como seres desejanter, estenderam a nós novos horizontes aspiracionais marcados por expectativas e ideias muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construídas predominantemente face a face.
(MISKOLCI, 2017, p. 71)

Os serviços de namoro e/ou encontros online consistem basicamente em sites ou aplicativos onde os indivíduos podem buscar e interagir com possíveis parceiros românticos e/ou sexuais no espaço virtual, a internet. E cada um deles, a sua própria maneira, promove a ideia de não apenas facilitar essas conexões entre seus utilizadores, mas também da possibilidade de encontrar o parceiro ideal, ou ao menos, uma pessoa que se encaixe em alguns critérios desejados (idade, aparência, status de relacionamento, profissão, classe social, entre outros).

No entanto, essa busca por um parceiro ideal definitivamente não é um fenômeno recente. Antes mesmo da criação desses serviços, já haviam mecanismos desenvolvidos com o intuito de formar vínculos românticos, por exemplo, os bailes e as festas de grupos sociais, mas as maiores de todas elas, ao menos nesse caso, vieram a ser as agências de casamento e as casamenteiras tradicionais até o início do século XXI, ambas com o intuito de fazer o papel de “cupido” entre os casais, intermediando o encontro entre os pares considerados perfeitos¹. Algo que se assemelha à realidade atual com o serviços de namoro, e mostra, que essa busca, assim como os mecanismos para encontro, não são exclusividade das últimas décadas ou dos espaços virtuais.

Porém, os avanços tecnológicos trouxeram modificações profundas nesses mecanismos. As informações dos primeiros serviços de namoro online começam a surgir no início da década de 1990 nos Estados Unidos, com sites como *Match.com* (1993)² e *eHarmony* (2000)³, que permitiam às pessoas, por sua vez agora usuários, criar perfis personalizados por conta própria e buscar parceiros com base em interesses e valores

¹ JARDIM, M. A. C. . A construção do mercado de afeto: o caso das agências de casamento. REVISTA PÓS-CIÊNCIAS SOCIAIS , v. 18, p. 2021, 2021.

² Um serviço de namoro online com sede em Dallas , Texas . A empresa tem escritórios em Dallas , West Hollywood , São Francisco , Tóquio , Rio de Janeiro e Pequim . O Match.com é propriedade do Match Group , que possui vários serviços de namoro online

³ Um site de namoro online lançado em 2000 e que funciona com base num sistema de compatibilidade com os dados obtidos dos usuários. O eHarmony está sediado em Los Angeles, Califórnia , e é de propriedade do ParshipMeet Group.

compartilhados. Esses serviços online abriram uma nova era nas dinâmicas de encontros, relações afetivas e sexuais, ao facilitar conexões rápidas⁴, transpor as diversas barreiras geográficas e ampliar de forma significativa as possibilidades de escolha⁵. E por consequência, o encontro mediado pela tecnologia, até então inédito em larga escala, começou a reformular não apenas a maneira como as pessoas buscavam potenciais parceiros, mas também suas expectativas sobre intimidade, compromisso, compatibilidade e satisfação pessoal.

No entanto, foi com o avanço dos smartphones e da tecnologia de geolocalização, principalmente em torno de 2010, que os aplicativos de relacionamento começaram a ser produzidos e ganharam espaço no cotidiano das pessoas. O *Tinder*⁶, por exemplo, que teve seu lançamento em 2012, popularizou o modelo de "deslizar" para aprovar ou rejeitar perfis, tornando o processo dinâmico, prático e acessível até então⁷.

Esses serviços ao longo dos anos se tornaram tão diversificados que podem ser classificados em diferentes categorias: aqueles baseados em compatibilidade, que utilizam dados e algoritmos para sugerir combinações entre usuários; os de nicho, voltados para públicos específicos, como membros da comunidade LGBTQIAPN+⁸, grupos religiosos ou étnicos; os voltados para relações alternativas, incluindo não monogâmicas ou sob condições específicas; e os baseados em geolocalização, que apresentam perfis de pessoas próximas.

Mais do que meras ferramentas facilitadoras de encontros, essas plataformas têm um envolvimento ativo na construção da identidade de seus usuários. A criação de um perfil exige decisões estratégicas sobre como se apresentar, a quem se dirigir e os limites de interação⁹. Ademais, pesquisas apontam que essas escolhas são atravessadas por normas de

⁴BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

⁵DELA COLETA, Alessandra dos Santos Menezes ; DELA COLETA, Marília Ferreira ; GUIMARÃES, José Luis . O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. Psicologia em Estudo , v. 13, p. 1-1, 2008.

⁶ Um aplicativo de namoro online e rede geosocial. No Tinder, os usuários "deslizam para a direita" para curtir ou "deslizam para a esquerda" para não gostar dos perfis de outros usuários, que incluem sua foto, uma pequena biografia e uma lista de seus interesses.

⁷ Relações a um deslizar de distância. Plataformas como o Tinder auxiliam no despertar da sexualidade LGBTQ+ e na busca por uma companhia. Disponível em <https://medium.com/midium/rela%C3%A7%C3%B5es-a-um-deslizar-de-dist%C3%A2ncia-58370d71d1f0> . Acesso em 15/06/2024

⁸ A sigla LGBTQIAPN+ representa um conjunto de identidades de gênero e orientações sexuais, incluindo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e Não-binária, com o sinal de "mais" (+) a indicar a inclusão de outras identidades e experiências diversas.

⁹ SILVA, A. V. ; SANTOS, K. C. ; LOPES, D. C. A. ; SILVA, D. E. ; PEREIRA JÚNIOR, L. L. ; LIMA, J. D. . A Construção da Identidade dos Sujeitos nos Sites de Relacionamentos na Internet. Revista Iniciação Científica da Newton Paiva , v. Anico, p. 26-35, 2009.

gênero, sexualidade¹⁰ e raça, reproduzindo , ou pelo contrário, desafiando os padrões sociais. E em alguns casos, promovem o surgimento de novas formas de expressão e relacionamentos, enquanto em outros, ocorre um reforço das estruturas machistas e heteronormativas.

Dentre os diversos aplicativos criados nas últimas décadas, como *OkCupid*,¹¹ *eHarmony*, *Feeld*¹², *Bumble*¹³, *Her*¹⁴, *Tinder*, *Happn*¹⁵, *Scruff*¹⁶ e *Badoo*,¹⁷ um se destaca e é o ponto central desse trabalho: o *Grindr*, um aplicativo queer¹⁸ voltado para homens gays e bissexuais, e outros membros da comunidade LGBT, cuja premissa central era promover encontros românticos/sexuais entre os membros da comunidade¹⁹ e que teve seu lançamento em 25 de março de 2009 por Joel Simkhai, na Califórnia.

Sua aceitação ocorreu rapidamente. Ao possibilitar encontros por proximidade e tempo real, o aplicativo oferece uma alternativa digital aos espaços tradicionais de encontros da comunidade, como os bares gays²⁰ e as saunas²¹. E isso somado a funcionalidades gratuitas e suas eventuais atualizações facilitaram sua adoção pública.

¹⁰ PELÚCIO, Larissa. Amor em tempos de aplicativos: Masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019

¹¹ Site e aplicativo de namoro online , amizade e, anteriormente, rede social, com sede nos EUA e atuação internacional . Ele oferece perguntas de múltipla escolha para combinar membros.

¹² Aplicativo de namoro online baseado em localização para iOS e Android voltado para pessoas interessadas em não monogamia ética, poliamor, sexo casual, perversão, swing e outros modelos alternativos de relacionamento e preferências sexuais.

¹³ Um aplicativo para dispositivos móveis e web que permite fazer diferentes tipos de conexões, incluindo encontros românticos, amizades e networking profissional, com a característica principal de que são as mulheres que dão o primeiro passo na conversa em conexões heterossexuais.

¹⁴ Plataforma social e de namoro destinada a mulheres lésbicas, bissexuais, queer, pessoas não binárias e trans. Ele permite que os usuários se conectem, compartilhem interesses, encontrem amigos e participem de eventos da comunidade LGBTQ+.

¹⁵ É um aplicativo de namoro que utiliza a geolocalização para conectar pessoas que cruzaram o seu caminho na vida real, exibindo perfis de quem esteve perto de você em algum momento

¹⁶ Rede social e encontros para homens gays, bissexuais, trans e queer, permitindo conexões através de localização, interesses e um sistema de "match"

¹⁷ É um aplicativo e site de relacionamentos gratuito que permite aos usuários se conectarem com novas pessoas, fazerem amigos ou encontrarem relacionamentos, seja para encontros casuais, um namoro sério ou simplesmente para conversar. Funciona de forma semelhante a outros aplicativos de relacionamento

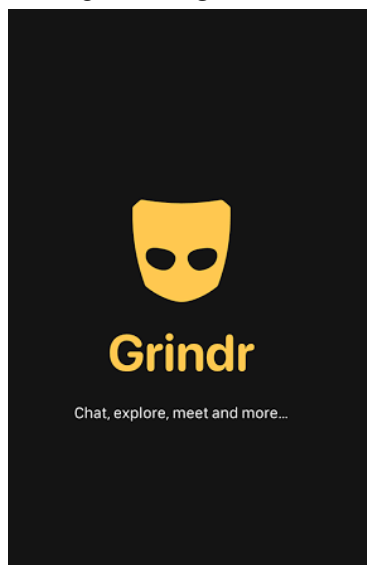
¹⁸ Queer é um termo guarda-chuva da língua inglesa para minorias sexuais e de gênero, ou seja, que não são heterossexuais, cisgênero, alo ou endossexo. Originalmente significando "estranho" ou "peculiar", queer era usado pejorativamente contra aqueles com desejos ou relações homossexuais no final do século XIX.

¹⁹ FERREIRA, Judivan Alves . Grindr: um produto gerando processos de aproximações e distanciamentos de gays|bis|queers. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

²⁰ Um estabelecimento de bebidas, que atende exclusivamente lésbica, gay, bissexual e transgênero como clientela, o termo gay é usado como um conceito geral, inclusive para LGBT e das comunidades queer.

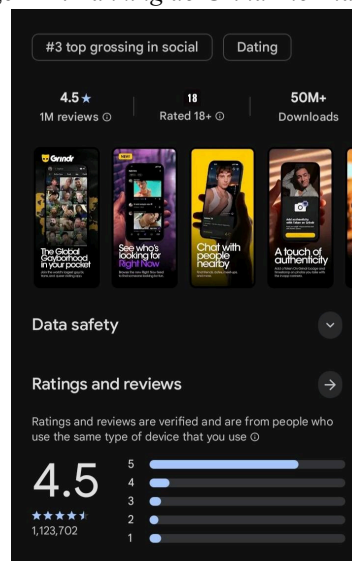
²¹ Um espaço comercial de banho público que propicia encontros sexuais casuais, frequentemente anônimos, entre homens que fazem sexo com outros homens, embora não necessariamente restrito a pessoas gays e à prática de atividades sexuais.

Imagem 1 : Logo do Grindr



Fonte: Blog do Grindr. 2025

Imagem 2 : Ranking do Grindr no Play Store



Fonte: Play Store. 2025

Em 2016, a empresa chinesa *Beijing Kunlun Tech*²² adquiriu a maioria das ações do *Grindr*, assumindo seu controle total em 2018. Contudo, devido à pressão do governo dos Estados Unidos por preocupações com segurança de dados, a empresa foi forçada a vender o aplicativo, que voltou a operar de forma independente em 2020.

Com o passar dos anos, o *Grindr* passou por diversas transformações, acompanhando as mudanças tecnológicas e as demandas sociais. Investiu em melhorias de interface, expandiu seus filtros de pesquisa, possibilitando buscas mais refinadas (por tribo, aparência, práticas desejadas, entre outros critérios), e promoveu uma inclusão de identidades trans, não-binárias e queer, reconhecendo a diversidade crescente de sua base de usuários.

No entanto, o aplicativo também passou a enfrentar críticas contundentes. Acusações de racismo, sexismo, gordofobia e discriminação contra usuários considerados femininos e pessoas trans são recorrentes²³, evidenciando como as desigualdades sociais se reproduzem — e às vezes se intensificam — mesmo em ambientes digitais. Problemas relacionados à segurança dos usuários, como o uso indevido de dados pessoais e a exposição de localizações em regiões onde a homossexualidade é criminalizada, também mancharam sua reputação²⁴.

²² A Beijing Kunlun Tech, uma empresa chinesa de jogos, foi forçada pelo governo dos EUA a vender o popular aplicativo de namoro gay Grindr devido a preocupações de segurança nacional sobre o manuseio de dados confidenciais do usuário, como localização e status de HIV.

²³ Grindr removes 'ethnicity filter' after complaints. Disponível em : <https://www.bbc.com/news/technology-52886167>. Acesso em: 05/11/2023

²⁴ Como a polícia do Egito usa apps de paquera para perseguir comunidade LGBT. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ck7jmpvk2xmo> . Acesso em 05/11/2023

Além disso, vazamentos de dados sensíveis reforçaram preocupações sobre a privacidade e a vulnerabilidade de populações já historicamente marginalizadas.

Por sua vez, o *Grindr* chegou ao Brasil em torno 2010²⁵, pouco após seu lançamento global, e rapidamente tornou-se aplicativo popular entre homens gays, bissexuais, trans e queer no país. Seu uso é expressivo em grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador, onde há concentração de usuários e uma cena LGBTQIAPN+ ativa²⁶. No entanto, também desempenha um papel relevante em cidades menores, onde as opções de socialização são limitadas e a vida dos membros da comunidade é frequentemente invisibilizada.

No território brasileiro propriamente, o *Grindr* vai além de um mero aplicativo de encontros casuais. Ele se configura como um espaço de exploração identitária, homosociabilidades²⁷ e, até mesmo, ativismo. Muitos usuários o utilizam para estabelecer amizades, trocar experiências e debater questões políticas e sociais.

Entretanto, a cultura da masculinidade hegemônica, fortemente enraizada na sociedade brasileira, também se reflete no *Grindr*. O aplicativo reproduz e reforça dinâmicas sociais como a valorização do corpo musculoso, da virilidade e da "discrição" — frequentemente associada à heteronormatividade e à exclusão de expressões de gênero interpretadas como femininas. As chamadas "tribos gays" da plataforma, como "discretos", "masculinos", "ursos" e "twinks", revelam diferentes posições de desejo dentro da comunidade. Ademais, também aqui emergem questões como racismo, gordofobia, etarismo e sorofobia, e expressões excludentes como "só brancos", "não curto afeminados" e "másc. para másc." aparecem frequentemente nos perfis, evidenciando padrões de discriminação.

Contudo, as análises sobre o aplicativo ainda se concentram, em sua maioria, nas grandes metrópoles brasileiras, deixando lacunas significativas sobre o uso do *Grindr* em outros contextos urbanos. Diante disso, este trabalho busca investigar a utilização do aplicativo na região metropolitana de Belém do Pará, no ano de 2024, por meio da

²⁵ Grindr bate um milhão de usuários em 180 países e já tem 6.000 usuários no Brasil. Disponível em : <https://www.administradores.com.br/ultimas-noticias/grindr-bate-um-milhao-de-usuarios-em-180-paises-e-ja-te-m-6-000-usuarios-no-brasil> . Acesso em 05/11/2023

²⁶ VIEIRA, Patricio de Albuquerque . Grindr: a tecnologia a serviço da prostituição masculina no semiárido nordestino. 2018. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

²⁷ Conceito de homosociabilidade conforme é desenvolvido pela teórica norte-americana Eve Sedgwick. refere-se a um padrão de interação social em que indivíduos que compartilham uma identidade de grupo (como gênero ou grupo social) se relacionam e interagem preferencialmente entre si, o que reforça essa identidade e pode estar associado a dinâmicas de poder e exclusão de outros grupos. Esse termo é frequentemente usado para analisar a manutenção de identidades masculinas e femininas em dinâmicas sociais,

metodologia de triangulação concomitante (CRESWELL 2010)²⁸ (CRESWELL, 2010), que possibilita o cruzamento de dados quantitativos e qualitativos a partir das fontes analisadas.

Associada aos conceitos de autores que estudam gênero, sexualidade e processos de socialização, essa abordagem permitirá examinar as performances de masculinidade, a dinâmica das tribos gays e, sobretudo, as experiências dos usuários.

JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Os principais argumentos que fundamentam a construção dessa pesquisa surgiram a partir da análise bibliográfica sistemática realizada para esta pesquisa e podem ser resumidos em três eixos principais. O primeiro, é o fato de que uma quantidade considerável de membros masculinos da comunidade LGBTQIAPN+ serem ou já terem sido usuários do aplicativo *Grindr* pelo mundo desde de sua criação em 2009, o tornando um dos espaços queer utilizados até o presente momento e que trouxe transformações para a homossociabilidade contemporânea. Sendo assim, é necessário uma compreensão analítica profunda desses aspectos sociais e identitários, até então pouco explorados.

Segundo, os estudos sobre o aplicativo até então desenvolvidos provém em grande quantidade da América do Norte e com debates específicos predominantemente para seus países, cidades e bairros, e por consequência, pouco dialogam com o contexto brasileiro. E mesmo dentro do país, as pesquisas existentes se limitam aos grandes centros urbanos, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, negligenciando outras regiões e suas especificidades.

O terceiro e último fator é referente a lacuna historiográfica existente no campo. Os estudos sobre o *Grindr* são frequentemente explorados por áreas da psicologia, antropologia, serviço social, educação e as áreas da comunicação de forma geral. No entanto, a abordagem historiográfica, principalmente no que diz respeito à perspectiva brasileira, permanece pouco abordada. O que talvez possa ser explicado, ao menos em parte, pela pouca valorização das linhas da História Digital²⁹ e da História do Tempo Presente³⁰, ainda vistas como recentes ou inadequadas pela Academia. Ou seja, no momento da escrita deste trabalho, faltam pesquisas historiográficas sobre o *Grindr*.

²⁸ CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

²⁹ A História digital é uma abordagem para examinar e representar o passado que funciona em conjunto com as novas tecnologias de comunicação computadorizadas, a internet e os sistemas de software.

³⁰ Um campo da historiografia que se dedica a estudar o passado recente, as rupturas e as permanências que moldam a contemporaneidade, usando fontes diversas, incluindo a memória e o testemunho dos sujeitos envolvidos nos eventos narrados. Ela se caracteriza pela proximidade temporal entre o historiador e os eventos estudados, gerando uma "coação pela verdade" e uma tensão entre objetividade e subjetividade

Em razão disso, este estudo busca contribuir para preencher essa lacuna a partir do contexto da cidade de Belém do Pará, especificamente em sua região metropolitana e da vivência de seus usuários masculinos do *Grindr* no primeiro semestre de 2024. Seu objetivo principal é analisar como estes integrantes da comunidade LGBTQIAPN+ elaboram suas concepções de masculinidades, identificar os modelos de masculinidades presentes no aplicativo, e examinar a influência dessas imagens idealizadas nas interações tanto no ambiente virtual quanto no mundo offline, com ênfase nas dinâmicas sociais determinantes.

Além disso, pretende-se investigar os impactos do uso do aplicativo na vida afetiva e sexual de seus participantes desde o primeiro contato, reconhecer a relevância das chamadas homosociabilidades na construção desses vínculos e compreender as transformações que o uso do *Grindr*, como uma rede social de relacionamento gay, trouxeram a seus usuários.

Nesse ponto, a pesquisa dialoga com o trabalho do pesquisador Elson Silva dos Santos que destaca que além das mudanças ocorridas na forma como os homens da comunidade LGBTQIAPN+ de Belém interagem e organizam seus encontros, as questões de gênero estão presentes nas experiências desses usuários e nos vínculos sociais que se manifestam no aplicativo. Isso suscita reflexões sobre as relações de poder produzidas pela homofobia e pelas masculinidades em uma sociedade heteronormativa, na qual as normas e convenções sociais atravessam as performances e os perfis dos indivíduos.

Na conclusão de seu trabalho, o pesquisador indica, que através do contato com seus participantes pode notar:

³¹[...]Vale ressaltar que os interlocutores desta pesquisa demonstraram, no Grindr, práticas sociais relacionadas ao poder e à resistência de uma sociedade heteropatriarcal. Apesar disso, ainda é perceptível, nas publicidades do app, o reforço à imagem de homens viris e referências do que seria a masculinidade dentro da heteronormatividade, ainda que essas representações acabem por divergir de uma parte dos homens presentes no aplicativo. As negociações e os códigos sociais também estão presentes nas performances dos sujeitos no app e estão baseadas em fatores que transversalizam as escolhas e a exibição da face no Grindr, tais como o casamento em um regime heterossexual, família conservadora ou o próprio preconceito carregado por fazer parte de uma norma caracterizada como desviante.(SANTOS, Elson, 2020. p. 140)

As construções sociais e de gênero costumam determinar, na maioria dos casos, a forma como os usuários do aplicativo constroem sua imagem e seus perfis. A partir disso,

³¹ SANTOS, Elson Silva dos. Eu encontrei ele no Grindr: processos comunicacionais e sociais entre jovens gays em Belém. Orientadora: Manuela do Corral Vieira. 2020. f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13492>. Acesso em: 15/09/2023

decidirão se irão revelar o rosto e/ou partes do corpo e o melhor modo para fazer isso, se apresentarão seus objetivos românticos e/ou sexuais e, em alguns casos, até mesmo quais tipos de parceiros serão adequados dentro desse espaço.

Além disso, Rafael Grohmann, em seu trabalho “*Não sou/ não curto: sentidos midiaticizados de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr*”³², enfatiza que as tecnologias são espaços de disputa por poder, onde se estabelecem diferenças e confrontos. Os argumentos que essas plataformas influenciam de maneira como as identidades culturais são apresentadas e como as pessoas interagem nas grandes cidades contemporâneas. Nas redes sociais, por exemplo, muitos usuários constroem suas identidades não apenas por meio da afirmação do que são, mas também pela negação do que não são ou do que não amam, distanciando-se de um "outro" que considera inferior. No contexto do *Grindr*, esse "outro" frequentemente se manifesta na figura do homem gay assumido e afeminado.

Essa lógica reitera hierarquias internas da comunidade LGBTQIAPN+ e aprofunda as contradições do *Grindr*, que ao mesmo tempo que se promove como um espaço próprio da comunidade e uma opção segura para viver livremente sua identidade, reproduz padrões excludentes e idealizações normativas de masculinidades. Logo, observa-se uma segregação simbólica entre aqueles que assumem publicamente sua identidade queer e a expressam de forma mais fluida, e aqueles que se definem como "discretos", não se reconhecem como parte da comunidade e buscam parceiros que compartilham dessa mesma perspectiva. Tais dinâmicas revelam o modo como o aplicativo é estruturado a partir de imagens, símbolos e filtros que reforçam concepções binárias e heteronormativas.

Porém, apesar da importância dessas questões, a quantidade de pesquisas brasileiras ainda é escassa. Além dos fatores já citados, estudos referentes a sexualidade, ao sexo mais especificamente, não tendem a ser amplamente divulgados ou vistos com sua relevância. E isso, somado ao fato que o *Grindr* é um espaço muito pautado no anonimato e encontros casuais, gera dificuldade para se conseguir analisar o mesmo e seus usuários.

Contudo, é justamente por enfrentar essas barreiras que essa pesquisa se justifica. Ao investigar o aplicativo no contexto de Belém, pretende-se não apenas compreender o *Grindr* como uma tecnologia social, mas também dar visibilidade às histórias de seus usuários. Para a maioria desses indivíduos o *Grindr* não é apenas uma ferramenta de entretenimento e

³² GROHMANN, R. . Não sou/ não curto: sentidos midiaticizados de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. Sessões do Imaginário (Online), v. 21, p. 70, 2016.

exploração do ambiente ao seu redor, é na realidade um meio de vivenciar experiências que, de outra forma, poderiam ser inacessíveis, ao menos com exposição, atenção e afeto.

METODOLOGIA, FONTES E CONCEITOS

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica de caráter misto, utilizando a triangulação concomitante, método discutido por John W. Creswell em seu livro “*Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*” (2010). Reconhecido por sua contribuição aos estudos sobre métodos mistos, o autor apresenta essa estratégia como uma forma de integrar, de maneira simultânea, dados qualitativos e quantitativos para uma análise ampla e consistente.

O que permite a análise integrada de dados qualitativos e quantitativos. Esse método visa ampliar a compreensão das performances de masculinidades no aplicativo *Grindr*, articulando distintas perspectivas empíricas e teóricas. Ao possibilitar a análise simultânea de diferentes tipos de dados, a triangulação fortalece a robustez e a confiabilidade dos resultados, promovendo a identificação de convergências, divergências e padrões que contribuem para a interpretação crítica do objeto de estudo. As fontes utilizadas foram organizadas em dois grupos: primárias e secundárias.

As fontes primárias compreendem:

1. **Perfis catalogados** de 50 usuários do aplicativo (Uma amostra de um total de 200 perfis). Os dados foram coletados por meio de um mapeamento no aplicativo na região metropolitana de Belém, principalmente em bairros como a Doca e o Umarizal ao longo do mês de janeiro de 2024. E organizados de acordo com critérios como nome de usuário, idade, posição sexual, gênero, tribo, tags, altura, peso, tipo de corpo, status de relacionamento, objetivos declarados, local de encontro, pontos de interesse, descrição textual e tipo de imagem utilizada. Esses dados servem como base para a análise quantitativa dos padrões de masculinidade performados e simultaneamente da pluralidade das identidades expostas pelos usuários do aplicativo *Grindr*, masculinos ou não.

Imagem 3 : Amostra dos perfis catalogados

GRINDR PERFS																
NOME DE USUÁRIO	IDADE	POSIÇÃO	TAGS	ETNIA	GÊNERO	PRONOME	ESTADO CIVIL	ALTURA	TRIBO	FIBRO	PESO	OBJETIVO	DESCRIÇÃO	LOCAL	IMAGEM	DATA
ANONVDEM CASA	30	VERSATIL	BARBU DO BI DEPI LADO AMIGOS DOTADO CASUAL CONFIÁVEL GROSSO	NEGRE	HOMEM	X	X	1,66	X	MAGRO	60KG	CONVERSA	X	X	X	01/01/2024
PA S SA TEMPO	26	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	CONVERSA	X	X	ROSTO E TORSO VESTIDO	01/01/2024
NAUGHTY BOY	X	VERSATIL PASSIVO	NOCARRO	X	HOMEM	X	X	X	X	TORNEADO	X	FICADAS	X	X	TORSO VESTIDO	01/01/2024
X	34	PASSIVO	NOCARRO DEBOAS SOCOMCAMISINHA EN CONTROS AMIZADECOLORIDA BELOS MACHO	X	X	X	X	1,68	DISCRETO	X	X	ENCONTROS	X	X	X	01/01/2024
X	32	X	X	X	HOMEM CIS	X	X	1,67	NERO	X	63KG	X	X	X	ROSTO	01/01/2024
FODA LOCAL	X	PASSIVO	BARBU DO DOMINADOR AMIZADECOLORIDA DOTADO FETICHE COURO AXILA CUSPIDA	LATINO	HOMEM	ELU/DELU	SOLTEIRO	1,62	PAPA DISCRETO	COMUM	65KG	ENCONTROS RELACIONAMENTO	X	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
EW	X	VERSATIL ATIVO	AMIZADECOLORIDA BELOS AGORA	NEGRE	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1,68	ELEGANTE	MAGRO	64KG	CONVERSA ENCONTROS	X	MINHA CASA BAR CAFE TERIA	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
DE BOA	31	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	CONVERSA ENCONTROS AMIGOS CONTATOS FICADAS	X	X	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
SAULO	46	VERSATIL	X	BRANCO	HOMEM/HOMEM CIS	ELE/DELE	X	1,71	URSO	MAGRO	75KG	CONVERSA ENCONTROS AMIGOS CONTATOS RELACIONAMENTOS FICADAS	X	MINHA CASA SUA CASA BAR CAFE TERIA RESTAURANTE	X	01/01/2024
COM LOCAL	X	PASSIVO	BARBU DO MILITAR BI AMIZADECOLORIDA DOTADO NOVINHO	MESTIÇO	HOMEM	X	X	X	X	COMUM	X	ENCONTROS	TENHO LOCAL	MINHA CASA	X	01/01/2024
CASADO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	01/01/2024
SOU ATIVO	27	ATIVO	X	NEGRE	HOMEM	X	X	1,8	X	X	69KG	X	X	X	X	01/01/2024
K8AL	27	VERSATIL	X	X	HOMEM	ELU/DELU	RELACIONAMENTO ABERTO	1,62	X	COMUM	65KG	FICADAS	FOTO DE ROSTO NO PRIMEIRO CONTATO E FOLHAGEM	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024

Imagem 3 : Amostra dos perfis catalogados

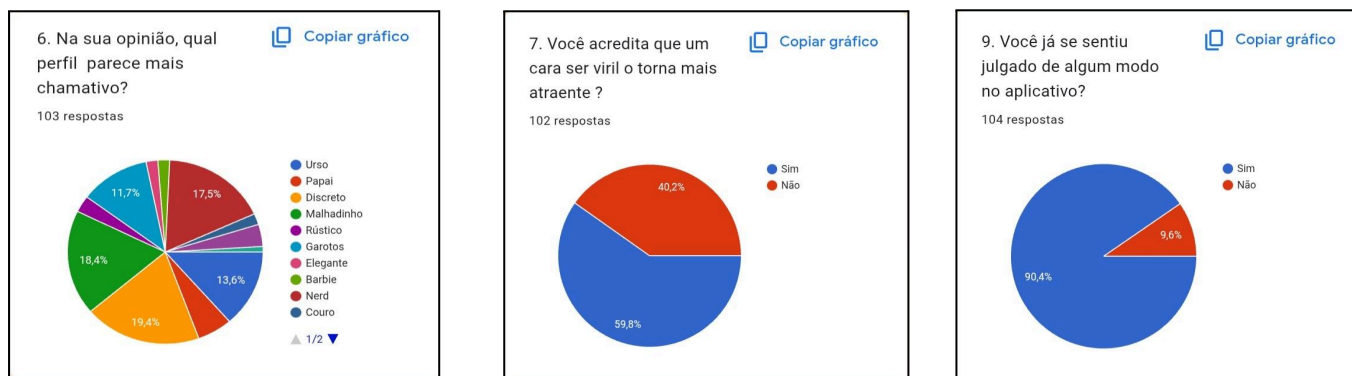
2. **Entrevistas** em profundidade com 10 usuários do *Grindr*, cujo objetivo foi mapear suas trajetórias desde o momento em que se perceberam como sujeitos não heterossexuais, passando pela entrada no aplicativo em busca de novas experiências, até o ponto em que passaram a reconhecer seus interesses enquanto pessoas queer, e sua percepção sobre as imagens masculinas expostas dentro do aplicativo. Esses relatos também abordam os desafios e facilidades encontrados na interação no espaço virtual, e as razões para seu uso contínuo. As entrevistas foram realizadas mediante o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo os participantes identificados pelo nome de usuário previamente combinado, algo que eventualmente foi alterado para um número de identificação no momento da escrita. Elas ocorreram tanto online por meio de videochamadas no Google Meet, quanto de modo presencial em shoppings ou áreas livres de universidades de Belém. A depender sempre da disponibilidade dos entrevistados.

Perfil dos Entrevistados

Entrevistado	Gênero	Pronome	Sexualidade	Idade	Cor	Etnia	Escolaridade	Profissão	Bairro
1	Masculino	Ele/dele	Homossexual	25	Parda	Mestiço	Superior completo	Pedagogo	Guanabara
2.	Masculino	Ele/dele Ela/dela	Bissexual	25	Negra	Latino	Superior completo	Agente de Viagens	Marambaia
3	Masculino	Ele/dele	Homossexual	32	Parda	Latino	Superior completo	Servidor Público	Cidade Nova
4	Masculino	Ele/dele	Homossexual	32	Negra	Latino	Superior Completo	Bailarino	Cremação
5.	Bigenero	Ele/dele Ela/dela	Homossexual	22	Parda	Latino	Médio Completo	Estudante	Coqueiro
6	Masculino	Ele/dele	Homossexual	50	Parda	Latino	Superior Completo	Servidor Público	Centro
7	Masculino	Ele/dele	Bissexual	30	Parda	Àrabe	Superior Completo	Analista de Sistema	Curió-Utinga
8.	Masculino	Ele/dele	Homossexual	21	Parda	Mestiço	Médio Completo	Estudante/ Vendedor	Marex
9	Masculino	Ele/dele	Homossexual	31	Negra	Indefinido	Superior Incompleto	Consultor de Vendas	Marco
10	Masculino	Ele/dele	Homossexual	29	Branca	Indefinido	Superior Incompleto	Indefinido	Marambaia

3. **Respostas de formulários**, aplicados em quatro etapas sucessivas, por meio de um perfil de pesquisa criado especificamente no aplicativo com o intuito de reunir interessados nas entrevistas. Através do perfil foi possível enviar cada um dos formulários diretamente para os perfis dos usuários e registrar suas respostas, assim como algumas reações referentes à realização da pesquisa no *Grindr*. O primeiro formulário abordou informações básicas sobre sexualidade, preferências e disponibilidade para entrevistas. O segundo aprofundou dados como nome de usuário, contato, bairro de origem, idade, tempo de uso do aplicativo e interesses. Já o terceiro e o quarto, foram voltados apenas para os participantes das entrevistas, reunindo dados quantitativos, por meio de perguntas fechadas e semiabertas, que auxiliaram na identificação de padrões comportamentais e representacionais.

Imagem 4 Resultados das Principais Perguntas do Formulário 1



As fontes secundárias incluem:

1. **Notícias publicadas na internet**, que tratam tanto do crescimento do *Grindr* em determinadas regiões quanto de episódios de violência ou golpes envolvendo o aplicativo. Essas matérias contribuem para a contextualização social e midiática do **uso da plataforma**.
2. **O blog oficial do Grindr**, página vinculada ao site do aplicativo, que divulga diariamente atualizações, ações da comunidade queer ao redor do mundo, conteúdos sobre sexualidade, bem-estar, auto aceitação e transformações institucionais da empresa. Este conteúdo é relevante para compreender os discursos que a própria plataforma produz sobre seus usuários.

A análise dos dados foi dividida em etapas interdependentes: **Codificação temática** das entrevistas e formulários, a fim de identificar categorias relevantes relacionadas à masculinidade hegemônica; **Análise de padrões quantitativos nos perfis**, com foco na frequência de palavras-chave, imagens e descrições que reproduzem estereótipos masculinos; e uma **Interpretação contextualizada das fontes secundárias**, conectando os dados coletados às representações sociais mais amplas de masculinidade e cultura digital.

Essa metodologia visa não apenas entender como os usuários do *Grindr* performam masculinidades, mas também investigar como essas performances são moldadas, influenciadas e sustentadas por discursos sociais, culturais e tecnológicos. Além disso, a

pesquisa está ancorada em uma base conceitual interdisciplinar, que oferece ferramentas para a análise crítica das manifestações de gênero, desejo e sociabilidade digital:

- **Masculinidade Hegemônica:** Conceito formulado por Raewyn Connell, refere-se a um ideal cultural que sustenta a superioridade dos homens sobre as mulheres e organiza uma hierarquia entre diferentes formas de masculinidade. Trata-se de um modelo relacional e variável, condicionado por fatores históricos, sociais e geográficos. O estudo busca identificar quais formas de masculinidade são valorizadas e reproduzidas entre homens da comunidade LGBTQIAPN+ que utilizam o *Grindr*.
- **Gênero como Construção Social:** Inspirado pela reflexão de Simone de Beauvoir — “Não se nasce mulher, torna-se mulher” — esse conceito destaca que os papéis de gênero são moldados por normas culturais e não são determinados biologicamente. Essa perspectiva permite analisar como os indivíduos internalizam e reproduzem papéis de gênero a partir de suas posições sociais.
- **Performance de Gênero:** Desenvolvido por Judith Butler, esse conceito propõe que o gênero não é uma essência, mas um ato repetido, condicionado pelas expectativas sociais. Os dados analisados revelam que os usuários do *Grindr* frequentemente constroem e exibem imagens que obedecem a padrões normativos de masculinidade e feminilidade, evidenciando o papel da performance na auto apresentação digital.
- **Homossociabilidade:** Termo de Eve Kosofsky Sedgwick que descreve as relações e interações entre homens em contextos de sociabilidade homosocial. Ainda que tradicionalmente aplicado a espaços físicos, o conceito também se mostra pertinente para compreender a dinâmica relacional no ambiente virtual do *Grindr*.
- **Tecnologias do Desejo:** Conceito de Richard Miskolci, baseado em Foucault, que analisa como as tecnologias digitais, especialmente os aplicativos de encontros, reconfiguram práticas de desejo e sexualidade. O *Grindr*, nesse sentido, atua como mediador entre o sujeito e suas experiências afetivo-sexuais.
- **Sociabilidade:** Conceito de Georg Simmel, refere-se à interação social enquanto valor em si, contribuindo para a coesão social. Mesmo em plataformas digitais como o *Grindr*, a sociabilidade se manifesta em formas específicas que merecem ser observadas e interpretadas.
- **Jeitinho Brasileiro:** Proposto por Roberto DaMatta, esse conceito aponta para uma forma particular de socialização baseada em vínculos interpessoais e posições sociais

do que em princípios morais ou legais. Tal perspectiva oferece subsídios para interpretar as relações no *Grindr* à luz da cultura brasileira.

Assim, o trabalho busca compreender como os usuários masculinos do *Grindr* constroem seus conceitos de masculinidade, quais figuras masculinas estão presentes no aplicativo e de que forma essas masculinidades influenciam suas homosociabilidades, a partir de um olhar que articula teoria crítica, análise empírica e sensibilidade aos contextos socioculturais da contemporaneidade. E tentar identificar como se constroi uma masculinidade enfatizada nas fontes e definida como, o homem discreto.

1.REFERÊNCIAS TEÓRICAS E HISTÓRICO-SOCIAL DAS MASCULINIDADES

1.1 Abordagem histórica das diferentes concepções de masculinidade

O gênero é uma categoria que, tecnicamente, existe em todas as sociedades, culturas, cronologias e espécies ao redor do mundo, sendo de forma geral, dividido entre homens e mulheres, ou machos e fêmeas. Essa categoria costuma ser interpretada por meio de fatores biológicos e sociais, que separam esses dois sexos em papéis totalmente distintos, conectando-os de forma obrigatória e hierarquizando-os (majoritariamente conferindo superioridade ao homem em relação à mulher) com base em suas habilidades e funções.

Entretanto, essas questões só vieram a se tornar problemáticas muito recentemente na história. Antes disso, eram encaradas como situações naturais do cotidiano, que sempre existiram e provavelmente continuariam a existir, sendo, portanto, extremamente naturalizadas. Quando havia vozes dissonantes desse contexto — pessoas que não se enquadravam nessas colocações —, essas eram silenciadas ou simplesmente ignoradas pela sociedade e cultura de sua época.

Foi apenas nos séculos mais recentes, com destaque para a segunda metade do século XX, que o gênero passou a ser compreendido como uma categoria fundamental de análise, por meio dos estudos de autores como Simone de Beauvoir e Betty Friedan. Esses pensadores trouxeram a perspectiva de que o gênero não é algo fixo ou sólido, mas sim uma construção histórica e cultural atribuída a cada sociedade, grupo e sujeito.

No entanto, essa primeira leva de estudos e teorias sobre gênero — e também sobre sexualidade — foi direcionada principalmente ao feminino, com foco especial nas múltiplas

limitações impostas às mulheres em diversos âmbitos (familiar, educacional, profissional, político etc.), nas formas de subverter tais limitações e nas origens dessa problemática, que em muitos casos, poderia ser resumida a outra categoria dentro desse mesmo contexto: o masculino.

Dito isso, o masculino — ou melhor, as masculinidades, uma vez que são identidades plurais — acabou ficando em segundo plano nesse primeiro momento de análises. Apesar de, historicamente, figuras masculinas terem sido amplamente exploradas e analisadas, especialmente grandes líderes políticos considerados protagonistas dos processos históricos, como Dom Pedro I ou Henrique VIII, o gênero, em si, não era objeto de debate em torno dessas figuras antes do século XX. As questões já estavam presentes, mas de forma secundária ou não nomeadas, justamente por conta dessa naturalização que impedia o questionamento dessas situações.

Foi somente após a construção de uma história das mulheres, impulsionada pelos movimentos feministas por volta da década de 1970 — quando o gênero, como um todo, passa a ser considerado uma categoria histórica e analítica, e o masculino torna-se um oposto direto ao feminino — que as problemáticas em torno das masculinidades começaram a se desenvolver. Esse debate passou a ganhar forma, de fato, na década de 1990, com destaque para uma obra fundamental para esta pesquisa e para os estudos de gênero posteriores: o livro *Masculinidades* (1995), da socióloga australiana e transexual Raewyn Connell, em que se propõe uma interpretação de múltiplas categorias masculinas.

A partir desse ponto, desenvolveram-se investigações sobre as masculinidades ao longo da história e das culturas, reforçando questões já trazidas pelos estudos feministas, como a binariedade³³, a hierarquia construída entre os gêneros e a relação entre o masculino e a violência. Para além disso, passaram a ser percebidos, de forma mais nítida, os papéis historicamente atribuídos aos homens (heróis, guerreiros, patriotas), a existência de masculinidades diversas e até mesmo marginalizadas (racializadas, subalternas, queer), bem como a persistência de relações de poder sobre e entre cada uma dessas figuras masculinas.

Soma-se a isso a presença de interseccionalidades que envolvem aspectos distintos como trabalho, questões econômicas, geracionais e culturais — como, por exemplo, a nacionalidade. Um aspecto que será desenvolvido com maior profundidade em um capítulo

³³ No contexto social, o termo descreve o sistema de gênero binário, que divide as pessoas entre masculino e feminino, associando-lhes papéis, identidades e atributos específicos de gênero. Este sistema opõe-se à não-binariedade, que abrange identidades de gênero que não se encaixam estritamente nas categorias de homem ou mulher.

posterior. Afinal, esta pesquisa é situada no centro da capital paraense, cuja realidade difere significativamente de outros contextos.

Sendo assim, neste capítulo serão abordados diretamente os autores e conceitos que, a partir do século XX, passam a sustentar as análises sobre o masculino, o gênero, a sexualidade e as construções sociais que os moldam. Resultados esses vindos da análise bibliográfica sistemática realizada desde do início da pesquisa nos meses finais de 2023 com o intuito de compreender profundamente os moldes de masculinidade, identidade e hierarquias anteriores a existência de aplicativos de relacionamento, ações da comunidade LGBTQIAPN+ e os estudos em torno dessas modificações no contexto de gênero.

1.2 Discussões teóricas sobre hegemonia masculina, heteronormatividade, e performances de gênero

É no século XX que essas categorias deixam de ser vistas como naturais e universais, e passam a ser compreendidas como produtos históricos e culturais, resultado de processos sociais complexos. Nesse contexto, as autoras e autores dessa linha de pesquisa colocam em xeque a fixação das identidades de gênero e das normas sexuais, revelando o caráter performativo, normativo e hierárquico dessas construções.

O masculino, por sua vez, é deslocado de sua posição tradicional de referência neutra ou universal para tornar-se objeto específico de análise, revelando suas múltiplas expressões, suas relações com o poder, com a violência, com o desejo, e com as expectativas sociais. Autores como Raewyn Connell, Judith Butler, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, entre outros, tornam-se fundamentais para compreender como o masculino é construído, reproduzido e contestado nos mais diversos contextos históricos, culturais e sociais. Assim, estudar o masculino não é apenas uma forma de compreender os homens, mas também de investigar os mecanismos que sustentam as desigualdades de gênero e as normas que moldam a vida em sociedade.

Começando pela temática de gênero, Simone de Beauvoir, uma filósofa, escritora e feminista francesa, reconhecida sobretudo por sua obra “O Segundo Sexo” (1949), um dos textos fundamentais do feminismo, afirma o seguinte:

Se hoje quisermos responder à pergunta: 'o que é uma mulher?', devemos começar dizendo: a mulher é um ser humano como o homem; entretanto, essa humanidade não lhe foi dada de maneira imediata. Na sociedade atual, como em todas as

sociedades historicamente conhecidas, a humanidade não reconhece espontaneamente a mulher como um ser humano com plenos direitos. Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a figura que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminina.
(BEAUVOIR, 1949, p.301)

Ou seja, ela examina a construção social da mulher e a ideia de que "não se nasce mulher, torna-se mulher", destacando como a imagem feminina (assim como a masculina) é baseada nas estruturas históricas, culturais e sociais, e não é algo fixo. E esse conceito de construção social de gênero, desenvolvido por Beauvoir, revelou-se central para diversas obras culturais posteriores e de imensa importância para o progresso de estudos de gênero e sexualidade, como é o caso deste.

A filósofa distingue o sexo biológico (diferenças anatômicas entre machos e fêmeas) do gênero (papéis, comportamentos e expectativas socialmente construídas). Para ela, a feminilidade não é um dado natural, mas um conjunto de normas impostas ao longo da vida. Sob essa perspectiva, desde a infância, as meninas são ensinadas a serem passivas, delicadas e subordinadas, enquanto os meninos são incentivados à ação e à independência. Essa construção se dá por meio da família, da escola, da mídia e da cultura.

Ademais, como existencialista, Beauvoir sustentava que o ser humano não possui uma essência permanente e predeterminada. Assim, as mulheres podem, e devem, romper com essa construção e assumir sua liberdade, recusando a posição de submissão. Para ela, a emancipação feminina depende da independência econômica, social e intelectual

Essa visão influenciou profundamente os estudos feministas e de gênero, inspirando autoras como Judith Butler, que desenvolveu a teoria da performatividade de gênero, um dos principais conceitos abordados nesta pesquisa.

Butler, uma filósofa norte-americana cujos trabalhos também trouxeram revoluções aos estudos de gênero, feminismo e a teoria queer, desafiando a noção de que o gênero é uma identidade fixa e natural por meio de seu conceito de performatividade de gênero. Sua obra mais influente, "*Gender Trouble*" (1990) (*Problemas de Gênero*), questiona as concepções tradicionais sobre identidade de gênero:

O gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída por meio de uma estilização repetida do corpo, uma série de atos repetidos no interior de um quadro regulador altamente rígido, que se solidificam com o tempo para produzir a aparência de uma substância natural.
(BUTLER, 1990, p.45)

A filósofa argumenta que o gênero não é uma essência natural, mas sim um conjunto de performances reiteradas ao longo do tempo, as quais produzem a ilusão de uma identidade estável e consolidada. Para ela, "não somos um gênero, tornamo-nos um gênero", ecoando e expandindo a ideia de Beauvoir. No entanto, diferentemente de Beauvoir, Butler desafia a noção de que o sexo é fisiológico e o gênero é socialmente construído, trazendo também o argumento de que até mesmo a noção de "sexo biológico" é uma construção discursiva, produzida por discursos científicos e sociais. Desta forma, não existe um "sexo" puro ou natural anterior à interpretação cultural.

E uma de suas principais críticas é feita sobre a heteronormatividade, onde Butler explica que a sociedade impõe um modelo rígido no qual os homens devem ser masculinos e as mulheres, femininas, reforçando a heterossexualidade, ou em outras palavras, a binariedade como norma. Esse sistema exclui e marginaliza identidades que não se enquadram nesse padrão, mesmo que o tentem. No entanto, é possível subverter essas normas por performances mais plurais, por exemplo, performances de gênero não normativas, como as de *drag queens*, pessoas trans e identidades não binárias, que expõem a arbitrariedade das normas de gênero e demonstram que essas categorias não são naturais, mas impostas socialmente, podendo ser desafiadas, ressignificadas e performadas de outra maneira com todo orgulho.

Outra autora que contribui para a compreensão da fixação e da complexidade do gênero é Raewyn Connell, socióloga australiana transexual reconhecida por suas pesquisas sobre gênero, masculinidades e teoria social. Seu trabalho amplamente conhecido, *Masculinidades* (2003), desenvolve análises sobre as múltiplas masculinidades propriamente, criando o conceito de masculinidade hegemônica, que se tornou fundamental para os estudos sobre gênero e poder:

A masculinidade hegemônica pode ser entendida como a configuração de práticas de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo (ou sendo entendida como garantindo) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.
(CONNELL, 2003, p.77)

Connell argumenta que não existe um único modelo de masculinidade, mas sim múltiplas formas que se relacionam de maneira hierárquica. Dentro dessa posição, destaca-se a masculinidade hegemônica, aquela que domina e define o que significa "ser homem" em determinado contexto social e histórico, e na maioria dos casos, é a do homem branco e heterossexual.

E por sua vez essa figura, esse homem hegemônico, seria um modelo a ser alcançado pelos indivíduos definidos como masculinos, e um símbolo de liderança sob as mulheres, ou seja, estando no topo de uma espécie de hierarquia social. Essa imagem está muito atrelada ao conceito de patriarcado, justamente por essa relação de poder extremamente desigual, na qual o homem domina a mulher. No entanto, Connell deixa claro que essa dominação não ocorre simplesmente do masculino sob o feminino, mas também do masculino hegemônico sob os outros masculinos.

A autora identifica quatro principais tipos de masculinidade: a hegemônica, que ocupa a posição de poder e influência; a cúmplice, representada por homens que não se encaixam completamente no modelo hegemônico, mas de alguma forma se beneficiam dele; a subordinada, associada a masculinidades vistas como inferiores, como a de homens gays ou que não seguem os padrões dominantes; e a marginalizada, vinculada a masculinidades que sofrem opressões adicionais, como as de homens negros, portadores de alguma deficiência ou pertencentes a classes sociais mais baixas.

Assim como Butler, Connell enfatiza que o gênero não é um dado biológico fixo, mas uma construção social passível de transformação ao longo do tempo. No entanto, seu foco recorda que as relações de poder e a maneira como a masculinidade se articulam com instituições como o Estado, a economia e a mídia. Connell defende que a masculinidade não é imutável e pode ser reformulada por meio de mudanças culturais e políticas. A autora propõe a construção de masculinidades alternativas e progressistas, que desafiem os modelos tradicionais e promovam relações igualitárias.

Se afastando um pouco da leitura de gênero e voltando o olhar sobre a sexualidade, pois esse é um ponto determinante ao se falar da comunidade LGBTQIAPN+, destaca-se Michel Foucault, historiador cujo trabalho interdisciplinar influenciou a filosofia, a sociologia, a teoria crítica e os estudos de gênero. Foucault não concebia o poder apenas como repressivo, mas como algo produtivo, presente nas instituições, nos discursos e nas relações sociais.

No primeiro volume da *História da Sexualidade*, Foucault argumenta que, ao contrário da crença de que a sociedade vitoriana reprimiu a sexualidade, houve uma intensificação discursiva sobre o tema. Médicos, educadores e juristas passaram a criar categorias e normas sobre o que seria uma sexualidade “normal” ou “desviante”. Além disso, Foucault rejeita a ideia de que os indivíduos possuem uma identidade essencial e fixa, demonstrando que as identidades são produzidas originalmente por meio de discursos e práticas de poder:

A sexualidade é, de fato, um dos dispositivos mais poderosos para a formação de saber e para a constituição de sujeitos: muito mais do que simplesmente interditá-la ou reprimi-la, o que se fez foi incitá-la a falar, obrigá-la a se formular em discurso, a confessar-se, a colocar-se em evidência e a produzir saberes específicos. (FOUCAULT, 1999, p.79)

Essa perspectiva influenciou os estudos queer e de gênero, particularmente os de Judith Butler, ajudando-a a expandir suas ideias para a teoria da performatividade de gênero.

Sendo assim, o autor mostrou que o conhecimento não é neutro, mas sempre ligado a relações de poder. Ele estudou como certas formas de saber (como a medicina, a psiquiatria e a criminologia) foram usadas para classificar, normatizar e controlar os indivíduos. Assim como os discursos religiosos que tornaram válida apenas um tipo de relação, a heterossexual monogâmica, e basicamente com fins reprodutivos. Algo que sempre fugiu em muito dos desejos e objetivos dos indivíduos por séculos, e culturas como é possível visualizar aqui.

E se vê um pouco disso nos estudos do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel. O intelectual via a sociedade não como uma estrutura rígida, mas como algo fluido, formado pelas interações entre os indivíduos. Ele estudou como as relações sociais moldam a experiência humana e criou a noção de formas sociais, ou seja, padrões recorrentes de interação, como o conflito, a competição, a moda e o segredo.

Embora seus estudos não abranjam gênero e sexualidade como outros estudiosos citados anteriormente, Simmel influenciou diversas áreas da sociologia, incluindo os estudos urbanos, a sociologia da cultura e a microanálise social, que refletem as construções, a performance e as hierarquias definidas nas sociedades. Seu pensamento ajudou a entender como as interações individuais constroem a sociedade e continuam sendo relevantes nos debates contemporâneos sobre globalização, identidade e redes sociais.

Entrando no contexto brasileiro - algo fundamental já que todas as teorias e conceitos anteriores foram criados pensando nos homens e mulheres europeus ou norte americanos - autores como os antropólogos brasileiros Roberto DaMatta e Peter Fry, e o sociólogo Richard Miskolci oferecem importantes contribuições para a compreensão das relações de gênero e sexualidade, trazendo recortes mais distintos como raça, classe e questões de violência no Brasil, principalmente em suas capitais.

DaMatta analisa a cultura brasileira por meio de temas como posição, o "jeitinho brasileiro" e as relações entre indivíduo e sociedade:

No Brasil, a autoridade é frequentemente exercida por meio de relações pessoais, e não através de instituições impessoais. A expressão 'Você sabe com quem está falando?' exemplifica essa dinâmica, onde a posição social e as conexões pessoais são fundamentais.
(DAMATTA, 1990, p.203)

Logo, assim como Simmel, sua visão não se dirige propriamente às percepções de gênero e sexualidade, porém, esclarece de forma muito direta o que seria o funcionamento das relações e hierarquias sociais existentes no território brasileiro. O que basicamente consistiria numa valorização das relações pessoais e capacidades vindas de certo status, do que propriamente das regras, leis e normas morais.

Além de ser diretamente envolvida por preconceitos raciais, lutas de classe, disputas políticas e religiosas. Cenários esses que nunca perderam seu peso no Brasil, assim como em outros países, apenas passaram por modificações em seus discursos, suas consequências e seus utilizadores ao longo dos anos.

O que deixa margens à mentalidades e comportamentos que geram certos conflitos e a propagação de preconceitos em diversos contextos, grupos e espaços, sendo um deles o espaço virtual do *Grindr*; o cenário principal deste estudo

Enquanto Fry, junto a Edward Macrae, pioneiros nos estudos sobre homossexualidade no Brasil, levantam o argumento que a percepção da sexualidade varia conforme o contexto cultural e histórico:

O que é a homossexualidade? Esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim, ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai. Com este mesmo raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea.
(FRY, MACRAE, 1991, p.7)

Ou seja, não apenas a forma de um indivíduo compreender sua sexualidade é algo distinto, individualmente e a nível macro, mas o modo como cada sociedade a acolhe e/ou rejeita também não é algo homogêneo, possui suas variações conforme inúmeros fatores e recortes sociais.

Miskolci, por sua vez, destaca as transformações das relações sociais e sexuais no ambiente digital por meio de redes sociais, mídias diversas e aplicativos de relacionamento,

com ênfase certa no *Grindr*, nosso objeto de estudo, e nas redes de sociabilidades homoeróticas de São Paulo:

A internet propiciou a ampliação das homosociabilidades, tornando-se um espaço privilegiado para encontros sexuais e afetivos entre homens, mas também um campo onde operam filtros, distinções e hierarquias típicas das dinâmicas sociais mais amplas.
(MISKOLCI, 2017, p.25)

Inspirado nos estudos de Foucault, Miskolci desenvolve o conceito de tecnologias do desejo, argumentando que aplicativos de encontros reconfiguram a forma como desejos e relações sexuais são experimentados, fazendo com que os indivíduos passem a ser ver como mercadorias de desejo, e continuem buscando cada vez mais formas de valorizar sua imagem, em outras palavras, atingir sua melhor versão para atrair aqueles que gostam. Ao mesmo tempo que criam estratégias para evitar pessoas, relações e acontecimentos vistos como indesejáveis.

Sua abordagem revela as transformações nas formas de sociabilidade homossexual no contexto brasileiro, especialmente a partir do uso crescente de tecnologias digitais e aplicativos de encontro. Ao mesmo tempo, ressalta a urgência de um olhar atento às categorias de gênero para compreender tais dinâmicas, já que esses espaços não são neutros ou meramente funcionais, mas carregam códigos, hierarquias e performances que refletem e reforçam normatividades sociais.

No caso específico do *Grindr*, plataforma voltada majoritariamente para homens gays e bissexuais - mas que também abrange outras identidades de gênero e sexualidade - trata-se de um ambiente virtual que opera como campo de visibilidade e negociação de identidades, desejos e masculinidades. Ainda pouco explorado pela historiografia brasileira, o aplicativo constitui uma fonte rica para pensar como se articulam práticas de distinção, exclusão e pertencimento dentro da comunidade LGBTQIAPN+, revelando continuidades e rupturas nas formas como o masculino é construído, representado e desejado. Dessa forma, compreender o *Grindr* como objeto histórico e cultural permite acessar dimensões mais sutis das relações sociais contemporâneas, que muitas vezes escapam às análises tradicionais centradas em espaços físicos ou institucionalizados, virtual ainda pouco explorado na historiografia brasileira.

Além desses autores, outros pesquisadores, como Cristina Donza Cancela, Rafael Grohmann e Lucas Teixeira Saraiva, contribuíram significativamente para o debate sobre

gênero, sexualidade e o aplicativo *Grindr* no Brasil e na cidade de Belém do Pará, sendo fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.3 Evolução das masculinidades na sociedade contemporânea, incluindo o impacto das mídias e das tecnologias na construção dessas identidades

Com base em todas essas perspectivas, é evidente que as masculinidades, bem como os critérios que as definem, estão em constante transformação ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais, culturais e históricas de cada geração. A imagem do que se entende como “homem” varia significativamente conforme os valores predominantes de cada época, sendo moldada por discursos normativos, pelas demandas simbólicas de cada contexto e pela realidade de cada grupo social, pois, sempre, existiu uma quantidade ampla de tipos masculinos, e igualmente, sempre, existiu um tipo mais aceito, isto é, dominante.

A partir do século XVI, no território brasileiro, tornou-se amplamente enaltecida a imagem do colonizador europeu, um homem, branco e cristão, que veio de suas terras longínquas em busca de novos lugares para ocupar e por um “mero acaso”, acabou encontrando essas terras e se propondo a trazer todo seu conhecimento aos povos que aqui existiam. E após ele, também tornou-se conhecida a figuras dos escravos indígenas e africanos, em posições de submissão, e os bandeirantes³⁴, por muito tempo vistos como homens heroicos.

Eventualmente, essas figuras passaram por reformulações em suas narrativas e no uso que elas tinham para a sociedade brasileira, principalmente ao se falar da construção de uma identidade nacional após a chegada da família real portuguesa³⁵ no início do século XIX, e, após a proclamação da independência do Brasil em 1822³⁶. A imagem do colonizador passou de um explorador sortudo para um legítimo salvador, recebendo a idealização de ter sido aquele que por meio da religião cristã, de seus princípios e mais uma vez, por seu conhecimento privilegiado, conseguiu trazer um propósito para uma terra abandonada.

³⁴ Os “Bandeirantes”, também chamados “Sertanistas”, foram os exploradores pioneiros a desbravar os sertões brasileiros, entre os séculos XVI e XVIII. Por norma, eram descendentes diretos de europeus, sobretudo portugueses e foram responsáveis por expandir e conquistar os limites do território brasileiro, muitas vezes por meio da perseguição e morte de escravizados.

³⁵ A corte portuguesa, com a Família Real, chegou ao Brasil em janeiro de 1808, desembarcando inicialmente em Salvador, na Bahia, em 22 de janeiro, e depois chegando ao Rio de Janeiro em 8 de março. A transferência ocorreu para fugir da invasão das tropas francesas de Napoleão Bonaparte,

³⁶ A proclamação da Independência do Brasil ocorreu a 7 de setembro de 1822, quando o príncipe regente D. Pedro declarou o rompimento político com Portugal às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo.

Os indígenas, de figuras submissas, inocentes ou selvagens foram transformados em símbolos nacionais. As mulheres indígenas passaram a ser retratadas como musas encantadoras em romances como “Iracema” (1865) de José de Alencar, e os homens, viraram figuras heroicas, quase protetores da sociedade brasileira, mas claro, tudo isso desenvolvido em obras literárias, pinturas e publicações, de forma intencional e exploradora pelo Estado.

Tendo como propósito estabelecer esse imaginário do mito fundador³⁷, onde sim, existiu uma participação europeia muito grande na formação do país e seus desenvolvimentos. No entanto, mesmo antes disso a origem brasileira já era bela, heroica, e admirável, e essa junção teria dado origem a uma perfeita identidade. Reformulando, até onde era necessário, a imagem de um grupo que mesmo nessa época permaneceu sendo explorado e tendo seu espaço roubado. Algo que passou a ser firmemente criticado social e historicamente posteriormente.

Visto que nos dias de hoje a leitura sobre período em perspectivas historiográficas já mostra visões totalmente diferentes sobre cada um dessas figuras. Autores como Sheila de Castro Faria, José Bezerra Neto, Sidney Chalhoub, entre muitos outros, retratam diretamente o como o colonizador europeu passou de um descobridor para um invasor de terras ancestrais que utilizava da violência e estratégias de controle; como os indígenas e escravos africanos tiveram papéis de protagonismo, utilizando diversas estratégias para tentar recuperar sua liberdade e manter suas culturas vivas; e como os bandeirantes, que para alguns foram de fato heróis, para muitos outros, não passaram de assassinos.

E esse é um exemplo de como as mesmas imagens masculinas podem ser interpretadas de formas distintas com o passar do tempo, mas para além disso, também ocorreram as mudanças de fato dessas masculinidades. Após certo tempo, os colonos passaram a ser os proprietários de terras e eventualmente figuras envolvidas no poder nacional, principalmente ao lado das figuras de Dom Pedro I e Dom Pedro II, passando de europeus numa terra distante para brasileiros, tentando formar uma identidade.

Mas foi a partir do final do século XIX, especificamente após a ocorrência da Proclamação da República em 1889, que se tornou explícita uma reconfiguração nessas representações e nos papéis sociais atribuídos às masculinidades brasileiras. Nessa época, o Brasil passou por uma série de transformações políticas, sociais e econômicas que afetaram diretamente a maneira como os diferentes grupos masculinos eram posicionados no imaginário nacional, nas estruturas de poder e no cerne familiar.

³⁷ É uma narrativa simbólica que explica a origem e a identidade de um povo, mas não é um conceito em si, sendo sim uma das ferramentas que pode ser usada para reforçar ou criar uma comunidade imaginada

Por exemplo, a antiga elite agrária, formada por grandes proprietários de terra e tradicionalmente envolvida nas disputas políticas do Império, assumiu o lugar da classe dirigente da Nova República, agora ocupando formalmente os postos de decisão institucional — transformando-se, de fato, nos homens do poder.

Simultaneamente, os ex-escravizados, recém-libertos pela abolição de 1888, e os imigrantes europeus e asiáticos que começaram a chegar em maior número, foram incorporados à lógica do trabalho livre, porém majoritariamente limitados às funções braçais e precárias. Suas masculinidades passaram a ser representadas com base na força física, na disciplina e na subordinação — frequentemente vinculadas a ideias de “progresso” e “modernização”, mas também de docilidade e exclusão social.

Por sua vez, os militares, que já haviam acumulado capital simbólico e influência durante o Império, passaram a exercer um papel ainda mais central no cenário republicano. Com a nova ordem, os oficiais das Forças Armadas não apenas participaram ativamente da política, como também se tornaram símbolos do próprio Estado nacional, representando uma masculinidade disciplinada, viril e racional, associada à ordem, à autoridade e à defesa da pátria. Assim, o final do século XIX não apenas modificou a estrutura política do país, como também consolidou uma nova gramática de gênero, que hierarquizava os homens segundo critérios de classe, raça, função produtiva e relação com o poder.

E no cerne disso tudo, uma imagem masculina passou a ser valorizada na sociedade brasileira, a imagem do homem branco, heterossexual, pai de família, religioso e trabalhador. Figura essa validada principalmente pela igreja, que desde da colonização teve um papel proeminente nos acontecimentos, mas também pelos setores políticos e militares, pois era características apresentadas pelos homens participantes, e logo, características de pessoas com algum poder.

No entanto, não muito tempo depois, durante a segunda metade do século XX, temos outra grande modificação dessas imagens em decorrência do surgimento de novos meios de comunicação que ressignificou a forma como os brasileiros interagem uns com os outros, sendo estes: a televisão, o cinema e mais para o final, o computador. E por meio deles, principalmente pela televisão e seus programas nos anos iniciais, um novo tipo de masculinidade, ainda padronizada, mas diferente daquela validada pela Igreja começa a surgir, o conquistador do público feminino: o galã.

Muito abordado por meio de novelas da época representando um ideal masculino voltado à conquista, sensualidade e uma virilidade agressiva. Uma imagem que dissemina expressivamente o imaginário do homem conquistador (ou galinha), que atrai e se envolve

com diversas mulheres, um comportamento visto como errado, mas ao mesmo tempo, no que se refere aos homens, era minimizado e em certa medida incentivado.

E tal idealização do comportamento masculino não se limitou a grandes centros urbanos ou mesmo ao público de novelas. Nos interiores, no mesmo período, eram contadas lendas folclóricas e uma delas dizia muito sobre a figura masculina: a lenda do boto cor de rosa. Um homem bonito, misterioso, sempre trajado de branco e com um chapéu na cabeça, que surgia nas noites de festa, seduzia uma bela jovem e depois sumia no meio do rio, recuperando sua forma original de animal. Mas que na realidade, era uma história para proteger a dignidade das mulheres que eram abandonadas grávidas, muitas vezes por homens da cidade que só queriam ter um caso de uma noite.

História essa que eventualmente viria a ser retratada nas novelas, peças de teatro e até mesmo filmes nacionais. Alguns criticando os sentidos dessa lenda, outras, apenas replicando essas vertentes da imagem masculina.

Em seguida, surge também uma valorização do corpo atlético, forte, bronzeado, viril — atributos associados à ideia de saúde, competitividade e dominação física, muito visíveis em campanhas publicitárias e na cultura fitness. Imagem novamente retratada pelos protagonistas de novelas que eram muito enaltecidos, mas também se relacionando com a epidemia do HIV durante a década de 1980, pois a imagem da enfermidade acabou se fixando em homens gays, excessivamente magros, pálidos e frágeis, então o corpo forte e bronzeado acabou se tornando um símbolo de vitalidade junto a esse cenário.

Posteriormente, nos anos 2000, desponta o perfil do chamado metrossexual — um homem urbano, vaidoso, atento às tendências da moda e aos cuidados estéticos, sensível em relação às emoções, mas ainda dentro de uma lógica que o coloca como objeto de desejo e sedução do olhar feminino. Embora haja uma aparente renovação na forma como a masculinidade é representada, esse modelo continua reproduzindo elementos centrais da masculinidade hegemônica. Principalmente com o surgimento dos sites de relacionamento e da mídia de forma geral, pois através desses espaços a imagem masculina é não apenas padronizada, mas disseminada como a correta em relação a outras de forma mais ágil, principalmente no meio dos relacionamentos.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que, apesar dessas variações, há também permanências significativas ao longo desses processos de mudança. Em nenhum momento a figura masculina deixa de ocupar uma posição de centralidade nos discursos sociais. O homem, para ter sua identidade de gênero validada, continua sendo chamado a cumprir certos critérios normativos: demonstrar força física ou emocional, exercer controle sobre os

sentimentos, e manter uma postura ativa e heterossexual, muitas vezes marcada por um desejo constante por mulheres. Além disso, os homens seguem ocupando posições de privilégio em relação às mulheres nos mais diversos âmbitos da vida social, econômica e política, perpetuando, ainda que sob novas formas, a estrutura patriarcal.

No entanto, ao lado dessas imagens visíveis e normatizadas, existem outras formas de masculinidade que permaneceram à margem dos registros dominantes durante muito tempo. Entre essas masculinidades historicamente invisibilizadas, destacam-se as de homens negros, homossexuais, periféricos, pessoas com deficiência (PCDs), imigrantes, indígenas, entre outros. Essas figuras foram sistematicamente excluídas das narrativas públicas sobre o que significa ser homem, em razão de um sistema histórico de produção de conhecimento, cultura e representação que elege certos corpos e vozes como legítimos — geralmente brancos, heterossexuais, cisgêneros e de classe média ou alta — em detrimento de outros considerados “desviantes” ou “subalternos”.

É apenas nas últimas décadas que se começa a perceber, com maior intensidade, os efeitos da contestação desse apagamento. O protagonismo de homens historicamente marginalizados tem crescido em campanhas publicitárias, novelas, filmes, mídias sociais e outros espaços de visibilidade pública, permitindo a emergência de novas formas de ser homem e o questionamento dos modelos tradicionais.

Dessa forma, ao se falar de masculinidade, é fundamental compreender que não se está tratando de uma entidade fixa, homogênea ou natural. A masculinidade é, antes, uma construção social complexa, atravessada por disputas simbólicas e marcada por camadas diversas que se entrecruzam com raça, classe, sexualidade, território e outras dimensões sociais. Trata-se de uma figura que impacta não apenas a maneira como as mulheres são percebidas e tratadas na sociedade, mas também afeta profundamente os próprios homens — que, mesmo beneficiados por privilégios, muitas vezes são pressionados a corresponder a expectativas rígidas de comportamento, desejo e aparência.

1.4 Contextualização do uso de aplicativos de encontros, como o Grindr, na expressão de masculinidades

Outrossim, adentrando um pouco o contexto dos aplicativos de relacionamentos, onde assim como qualquer rede social, seus usuários tendem a criar novas imagens de si ou escolher aquelas que melhor representem seus objetivos, e a masculinidade não está ausente nessa imagem.

De acordo com a perspectiva de Miskolci, o meio digital transformou as práticas sociais nos seus campos das relações de gênero e sexualidade, produzindo práticas como “*cruising*”³⁸, para a contemporaneidade, e de certo modo “digitalizando” o desejo dos indivíduos, um ponto muito imbuído das definições e papéis agregados ao masculino e feminino, algo vivido em todos os espaços habitados.

Nesse contexto de transformações digitais nas dinâmicas do desejo e nas expressões da sexualidade, as plataformas online passam a ocupar um papel central na mediação dos encontros e na construção de vínculos, ainda que efêmeros. O ambiente virtual não apenas reproduz, mas também reformula normas de gênero e sexualidade, oferecendo novas possibilidades de visibilidade e, ao mesmo tempo, impondo outras formas de vigilância e controle.

E é nesse cenário no qual o *Grindr* surge e assume uma relativa importância na vida dos indivíduos masculinos da comunidade LGBTQIAPN+, pois por ser um aplicativo que permite interação entre usuários da mesma região, visualizar a distância destes, proteger sua privacidade e selecionar as características dos perfis daqueles que desejam se encontrar, ele acaba se tornando a opção mais viável para esses indivíduos que se sentem “recoosos” com sua orientação e que precisam tomar “precauções” em seu cotidiano para guardarem certa segurança.

Além disso, sendo o principal uso do mesmo, o gerenciamento de encontros sexuais, tornou possível identificar com maior cuidado o tipo de homem que exerça maior atração sob o usuário, modificando a preocupação original desses indivíduos de se proteger de possíveis violências para divulgação de sua imagem e identidade de modo a conseguir o maior número possível de encontros, em outras palavras, na construção de um perfil que seja extremamente atraente dentro de sua área de interesse, normalmente, o perfil do “homem discreto”.

Isso é algo visível nos trabalhos recentes de Miskolci e de pesquisadores orientados pelo mesmo, como Renato Contente Freire de Menezes³⁹, João Paulo Ferreira⁴⁰, Keith Diego

³⁸ O “*cruising*”, como é chamado a prática do sexo em locais públicos, é um ato muito exercido pelos homens gays desde os surgimentos das primeiras cidades ao redor do mundo e durante um longo período foi a principal forma, senão a única, deles encontrarem outros homens com “interesses” comuns e viverem sua sexualidade, mesmo que de forma casual e secreta.

³⁹ Representações de masculinidades nos aplicativos de busca de parceiros; Início: 2019; Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco; Orientador: Richard Miskolci

⁴⁰ Desejos Comodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo; 2017; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Orientador: Richard Miskolci

Kurashige,⁴¹Felipe Padilha⁴², entre outros. Pesquisas essas que giram em torno das facetas da comunidade queer, da utilização do *Grindr* pelos homossexuais, questões específicas das cidades onde as pesquisas foram realizadas, as modificações trazidas nos encontros entre homens, e até mesmo o tipo de linguagem usada para se descrever e contactar outros homens.

Em seu texto, Lucas Teixeira Tavares faz um análise sobre a homossexualidade ao longo da história brasileira, começando com a perseguição da igreja católica desde o período da história colonial brasileira, sua criminalização, o preconceito que se enraizou na sociedade mesmo após a proclamação da constituição de 1988, a criação dos romances homoeróticos no século XIX, a ditadura militar nas décadas de 1960 e 70, a onda do HIV⁴³ e até momentos mais recentes, com a popularidade das *drag queens*⁴⁴ e de *influencers*⁴⁵ abertamente gays.

A principal conclusão de Tavares , é que mesmo com a comunidade sendo afetada como um todo por esses eventos e o preconceito, existe uma clara distinção na gravidade em que os mesmos afetam os homossexuais, com o indivíduo considerado uma “bicha afeminada” sendo muito mais “prejudicado” do que aquele que se enquadra numa certa heteronormatividade. Isso porque na maioria dos casos seria o homem visto como afeminado que seria pautado pela sociedade como o gay, aquele que quebra as normas, aquele que é associado às infecções sexuais, a pobreza e que não aceitaria seu gênero, querendo se tornar algo que não deveria ser. E em contrapartida a isso, o homem que se encaixaria nos padrões, o homem discreto, seguiria essa heteronormatividade e na maioria dos casos não tem sua orientação sexual assumida, ainda seria alvo de preconceito, porém diferente do primeiro ele conseguiria se misturar ao restante da sociedade, usando dessa “descrição” como uma proteção, um mecanismo de desejo e até mesmo como uma justificativa para praticar preconceito com os membros da comunidade que não conseguem e/ou não querem fazer o mesmo.

⁴¹ Marcas do Desejo: um estudo sobre os critérios de seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online em São Carlos; 2014; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Orientador: Richard Miskolci

⁴² O segredo é a alma do negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade homossexual masculina na região de São Carlos; 2015; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Orientador: Richard Miskolci

⁴³ A década de 1980 marcou o reconhecimento global da epidemia de HIV/AIDS, com o CDC dos EUA publicando um relatório sobre casos de pneumonia e sarcoma de Kaposi em homens gays em 1981, e a OMS reconhecendo o HIV/AIDS como uma crise global até 1983. Inicialmente visto como uma “doença homossexual”, ganhou maior reconhecimento ao ser constatado a transmissão entre indivíduos heterossexuais.

⁴⁴ Um artista que cria uma persona através do uso de roupas, maquiagem e perucas para imitar e exagerar o gênero feminino, com fins de entretenimento ou arte performática, como canto, dança e comédia. Essa arte não está diretamente ligada à identidade de gênero ou orientação sexual da pessoa, podendo ser exercida por qualquer pessoa.

⁴⁵ Indivíduos que têm o poder de afetar as opiniões e comportamentos de outros, especialmente no que diz respeito às decisões de compra, através da criação de conteúdo autêntico e cativante em plataformas de mídias sociais como Instagram, YouTube e TikTok.

E esse fato permanece refletido no espaço das relações virtuais gays do *Grindr*, onde ocorre uma supervalorização daquele que se pronuncia como másculo e uma rejeição daquele que se envolve ou se representa com o feminino ou afeminado, ocorrendo uma interligação entre a imagem deste último a características de saúde, jurídicas, hierárquicas e até mesmo históricas estigmatizantes.

E dentro disso, existiriam ainda outras complexidades que se associariam a questões de raça e classe social, pois demarcam esse debate em torno do masculino e feminino, e o lugar deles dentro da sociedade.

2.O GRINDR E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NA ERA DIGITAL

2.1 Panorama do uso do Grindr em Belém e outras regiões brasileiras, com referências às obras de Grohmann e Miskolci

Este capítulo tem como objetivo apresentar brevemente a utilização do *Grindr* no contexto urbano brasileiro; os diferentes tipos de masculinidades existentes na sociedade; o modo como elas surgem nesse espaço virtual; e a existência de uma hierarquia social extremamente voltada em torno da figura do homem discreto.

E para isso, são utilizados os resultados da triangulação concomitante, metodologia principal desta pesquisa, porém, nesse momento com um foco nas questões qualitativas apoiadas análises teóricas anteriores sobre o aplicativo nas cidades brasileiras (São Paulo e Belém, principalmente) vindas de autores como Richard Miskolci, Elson Silva dos Santos e Rafael Grohmann, que se propõem a discutir as questões de comunicação, gênero/sexualidade e identidade que cercam o *Grindr* e cujas contribuições se mostram essenciais para compreender as dinâmicas de sociabilidade, desejo e performatividade em ambientes digitais voltados ao público LGBTQIAPN+.

E além dessa base, também serão utilizados a partir deste capítulo os comentários dos entrevistados do primeiro semestre de 2024 sobre suas experiências dos últimos anos como usuários do aplicativo. Trazendo em suas histórias críticas sobre o espaço virtual, percepções de suas vivências como homens pertencentes a comunidade, e o modo como estar no *Grindr* se relaciona com certas imagens masculinas.

O *Grindr*, por sua vez, chegou ao Brasil em torno de 2010, pouco tempo após seu lançamento global, e rapidamente tornou-se um dos aplicativo de uso dos homens gays e bissexuais no país. Sua utilização é expressiva em grandes centros urbanos como São Paulo, onde há uma certa concentração de usuários e uma cena LGBTQIAPN+ ativa, se mostrando

um palco das principais indagações científicas e teóricas sobre os usos do espaço virtual no território brasileiro, tendo como um de seus principais exemplos o livro “*Desejos Digitais*” de autoria do sociólogo Richard Miskolci. Nele são abordadas as evoluções dos aplicativos de relacionamento, os usos da comunidade queer, e principalmente os estudos do pesquisador sobre os usuários do *Grindr* nas cidades de São Francisco e São Paulo. Sendo este último nosso foco de interesse nessa discussão.

De acordo com Miskolci (2017, p. 97) d: “Na sociedade brasileira, muito mais desigual ... Mesmo em São Paulo, metrópole relativamente rica, há menos pessoas com perfis desejáveis ou próximos dos idealizados pela maioria dos usuários.” Aqui o autor, faz uma comparação direta a realidade dos usuários do aplicativo de São Francisco, uma cidade da Califórnia historicamente conhecida por ser uns dos principais lugares de grande ativismo da comunidade no mundo todo⁴⁶, e dos usuários de São Paulo, a capital brasileira com a maior população do Brasil⁴⁷. E por consequência, acaba concluindo uma disparidade nos resultados dos sujeitos estudados.

Pois, na cidade californiana existe uma construção muito distinta em torno da busca por um parceiro ideal, e isso deve principalmente a um fator, o modo como se enxerga a discrição dos homens na comunidade LGBTQIAPN+. Lá, ser discreto também significa ser consideravelmente atraente, porém, essa discrição se limita à questão física, já que teoricamente, ao menos na visão de seus entrevistados, um homem capaz de passar despercebido na sociedade está mais apto a ter um relacionamento sério e formar uma família. No entanto, se essa descrição por sua vez se remeter também a sua sexualidade, a perspectiva seria completamente oposta, categoricamente rejeitada pelos usuários. E isso ocorre, pois num lugar tão social e politicamente ativo em relação aos direitos LGBTs não ser assumido se torna um sinônimo de insegurança, infidelidade e até promiscuidade.

O que se difere totalmente do cenário explorado por ele em São Paulo. No contexto paulistano ser um homem gay que é fisicamente discreto, e acima disso não é assumido, ou seja vive no “armário”, é o que torna o usuário o verdadeiro objeto de desejo. E isso é consequência de uma história social totalmente diferente de São Francisco, pois enquanto a cidade norte americana se tornou um símbolo de resistência, São Paulo e o restante do Brasil

⁴⁶ **The History of the LGBTQ+ Movement, 2023.** Disponível em: <https://www.sfgmc.org/blog/history-of-lgbtq-movement> . Acesso em: 04/02/2025

⁴⁷ **Saiba quais são as 5 cidades mais populosas de São Paulo, 2024.** Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/gazeta-mais/curiosidades/as-5-cidades-mais-populosas-de-sp/1143252/> . Acesso em 07/03/2025

ainda são muito recentes nesses debates, gerando uma sociedade ainda muito fechada, e por consequência, indivíduos que se sentem inseguros de viverem fora de suas proteções.

As preocupações sobre o que os familiares e colegas do trabalho podem pensar é uma constância, e possibilidades de relacionamentos se limitam a casos secretos, e muitas vezes, puramente casuais através do *Grindr*. Além de uma propagação de uma procura por um homem que deseje outro homem, mas simultaneamente, não se associe a de modo algum a comunidade LGBTQIAPN+.

Nessa linha de pensamento, também temos a conclusão de Rafael Grohmann em seu artigo “*Não sou/ não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr*” (2016) baseado em uma análise do aplicativo realizada também na cidade de São Paulo:

[...]Os relacionamentos homoeróticos no aplicativo Grindr visualizados a partir de seus discursos de apresentação confirmam uma “normalização discursiva” a partir principalmente de uma “heteronormatividade misógina”. O “não sou/ não curto” é a expressão-síntese dessa produção discursiva da distinção. A identidade do homem gay de sucesso no aplicativo é modalizada a partir da negação das identidades do “outro”, colocadas como anormais, convocando-os a se “ajustarem” às prescrições desejadas. As categorias produzidas como legítimas são: macho, discreto, cara sério, trabalhador, inteligente – requisitos para um perfil de sucesso no aplicativo – em contraposição às ilegítimas, colocadas como anormais – afeminado (e outros signos ligados ao universo feminino), assumido, baladeiro, analfabeto. Os signos distintivos em circulação, ou discursos circulantes (Charaudeau, 2006), nos ajudam a compreender como funcionam as “convocações biopolíticas” (Aidar Prado, 2013) no dispositivo Grindr[...]
(GROHMANN, 2016, p.77)

Apesar da consideração de Grohmann se dirigir para as questões discursivas e de linguísticas, em momento algum se difere das percepções de Miskolci ao enfatizar a existência de uma legitimação das imagens masculinas concebidas como discretas e associados ao homem heterossexual, em contraposição a figura do afeminado, normalmente o alvo do preconceito, e aparentemente, o perfil rejeitado entre os moldados dentro do aplicativo.

Mas, apesar de ser necessário ter conhecimento sobre o uso do *Grindr* no Brasil e a visão em torno desse homem discreto, precisamos ir além disso, além da capital paulista, e acima disso, além das comparações com o contexto norte americano. Afinal, essa pesquisa se contextualiza entre os usuários da capital paraense, a cidade de Belém, sua própria realidade, desejos e narrativas.

Por isso deve-se dar o devido destaque a dissertação do pesquisador Elson Silva dos Santos intitulada “*Eu encontrei ele no Grindr: processos comunicacionais e sociais entre*

jovens gays em Belém BELÉM - PA 2020”, sendo minha primeira leitura de uma pesquisa voltada ao aplicativo e acima disso, uma das pouquíssimas centradas em Belém. Sua abordagem se dirige às questões de sociabilidade dos jovens gays desenvolvidas por intermédio do *Grindr* e por consequência, atravessando categorias de gênero e de poder.

Santos (2020) considera o seguinte após sua análises:

Os resultados trazidos durante a pesquisa de campo destacaram a importância visual no Grindr. Ficou evidente que os homens, que usam esse aplicativo, querem enxergar e interagir com os diferentes tipos de imagens e, principalmente, quando essas imagens têm um teor mais sexual ou algo que chame mais atenção. Isso é confirmado na grande quantidade de interações que saltaram na última semana da observação participante. Foi usada uma foto corporal, que destacava um homem considerado viril e másculo e que mostrou um grande alcance comparado com a semana em que se iniciou a observação. Será que todos os corpos teriam esse tipo de aceitação? Percebi que, aos poucos, as interações cresciam porque algo era mostrado. O que se comprova é que a nossa sociedade está baseada e regrada por conta da imagem para estabelecer algum vínculo e como ela nos mostra esse poder. (Santos, 2020, pg. 126)

Além de constatar a busca sexual existente dentro aplicativo, algo que por sua vez se torna até certo ponto intencionalmente uma das maiores propagandas do *Grindr*, Elson Santos aborda a construção de uma imagem física que ganha destaque entre os usuários, se tornando um ponto de seu interesse. Uma imagem que expresse força, virilidade e aparente disposição a ter algum encontro com outros usuários, outra vez destacando a procura por essa figura masculina muito associada ao homem heterossexual.

E por consequência deixando de lado, mesmo no contexto de Belém, a figura dos homens com sexualidade assumida e com traços tidos como afeminados. Pontos aparentemente recorrentes na sociedade como um todo, mas que podem ganhar mais peso ao se falar dos usuários belenenses por terem categorias raciais e de condição social muito fortes em toda essa construção.

2.2 Análise das representações de masculinidade nos perfis virtuais: o masculino “discreto”, o “afeminado”, o “másculo”, entre outros

A partir desse ponto, acredito que seja importante frisar novamente a existência de diversos tipos de masculinidades expressadas, performadas e valorizadas em cada sociedade e período histórico. E que dentro de um espaço virtual, quer dizer, dentro do *Grindr*, um aplicativo voltado para o público masculino da comunidade LGBTQIAPN+, esses tipos

masculinos não apenas são distintos, mas recebem valores diferentes e são utilizados com fins próprios.

Entre os tipos de masculinidades encontrados nesta pesquisa devem ser pontuados os seguintes: O afeminado, muitas vezes visto como o gay verdadeiro e também aquele que costuma receber uma maior carga de preconceito; o assumido, não necessariamente tem traços considerados femininos em seu comportamento, mas o fato de falar abertamente sobre sua identidade já o separa dos outros homens; o masculino, associado a figura do heterossexual e normalmente com uma aparência física musculosa ou parruda; os maduros, homens mais velhos e muitas vezes idealizados como homens seguros, com dinheiro e que podem proporcionar proteção; as masculinidades interpretadas pelas posições sexuais (ativo, passivo e versátil); e por fim, e nessa pesquisa especificamente de extrema importância, o homem discreto.

O homem discreto, nessa análise é praticamente uma categoria própria, pois, não se está falando simplesmente de um homem heterossexual que se enquadra perfeitamente nas perspectivas hegemônicas, ou, de um homem da comunidade queer que detenha características interpretadas como viris, ou mesmo um homem gay não assumido e que ainda vive no armário por receio da rejeição.

Mas sim, de um homem que adentra a comunidade queer, utiliza de seus meios, no caso o *Grindr*, e sai em busca de experiências sexuais, majoritariamente, com outros homens, e que no entanto, não se vê como um membro dessa comunidade, mas sim como um homem hetero na maioria dos casos, rejeitando qualquer tipo de associação e desejando que seus parceiros detenham os mesmos tipos de convicções que ele. E para além disso, tenta ao máximo tomar posse do espaço do *Grindr* como seu e para seu objetivo, mesmo que o aplicativo tenha sido feito para a comunidade e a empresa se promova como um caminho de fortalecimento das causas queer.

E essa figura acaba por ser uma exemplificação quase perfeita de masculinidade hegemônica desenvolvida e criticada por Connell (2003), afinal, ela se coloca como superior a qualquer outra figura que não seja a sua e tenta oprimir essas masculinidades, mesmo num lugar que é seu por direito, e simultaneamente, ela é valorizada/desejada por outros usuários distintos. Nesse sentido, Connell constata o seguinte : “A hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não apenas um padrão de diferença. A forma dominante não está apenas acima das outras, mas as subordina ativamente.” (Connell, 2003, p. 37). O que mostra, que a partir do momento em que uma figura masculina incorpora essa posição, de legítima, mesmo não intencionalmente, é construída uma hierarquia.

Outrossim, ela é uma problemática expressiva em cada uma das minhas fontes, seja de forma direta ou nas entrelinhas: nas minhas catalogações se mostra por meio das identificações ou frases criadas, por exemplo “Quero sigilo e descrição; não gosto de afeminados e gordos”; nos meus formulários através de respostas a perguntas como “. Você acredita que um cara ser viril o torna mais atraente ?”; e nos relatos dos entrevistados é onde mais se ganha contorno, principalmente ao se tocar nas questões de decepções, desejos e nas visões de indivíduos que se veem como afeminados.

O que reiteradamente, ressalta a existência dos conflitos e preconceitos dentro do aplicativo. Em parte sendo um reflexo daquilo que já é existente fora dele, na sociedade de forma geral e todas percepções que atravessam a vida desses indivíduos: raça, questões econômicas, crenças, culturas, etnias. E outra que surge de fato a partir do próprio espaço virtual, onde através de filtros, mensagens, mediações de desejos e as imagens masculinas é criado um novo cenário de exclusão.

Desse modo, as identidades de cada um dos usuários, suas masculinidades e seus objetivos raramente se complementam, já que na maior parte do tempo é difícil não surgirem atritos entre eles. O que também não impede sua permanência dentro do *Grindr*, já que muitos deles, apesar de sofrerem rejeição, ainda não conseguem se desvencilhar da possibilidade de conseguirem encontrar seu parceiro ou encontro ideal.

E o fato de haver maiores riscos de agressão, preconceito e simplesmente julgamento de conhecidos fora do espaço virtual, acaba contribuindo para que a maioria deles permaneçam nesse cenário influenciado pela existência do homem discreto. O que pode ou não criar um ciclo do qual mesmo que eles tentem sair, eventualmente acabam retornando ao ambiente que conhecem e podem controlar em alguma medida.

2.3 Como as interações digitais reforçam, questionam ou desestabilizam conceitos tradicionais de masculinidade

E para se entender melhor essas situações em torno das categorias masculinas é necessário enfatizar as histórias e experiências compartilhadas pelos 10 usuários do *Grindr* entrevistados para essa pesquisa.

O recrutamento dos participantes foi feito por meio do aplicativo e de um contato prévio através dos formulários online, tendo apenas três critérios, visando reunir o maior número de usuários com perfis diferentes, e que estiveram contidos em todos os

entrevistados, sendo eles: Serem usuários do aplicativo, ao menos até a época em que foram contactados; morarem ou frequentarem de modo constante a região metropolitana de Belém; e serem maiores de idade⁴⁸.

Outrossim, a minha própria vivência como usuário, em um momento anterior a pesquisa, me permitiu não apenas conseguir a confiança dos 10 indivíduos que aceitaram participar desta etapa, sendo que no momento em que eu compartilhava brevemente minha própria experiência como membro da comunidade e de uso do aplicativo, os mesmos se sentiam mais seguros em relatar suas opiniões e responder as perguntas.

Como também desenvolver uma visão própria do *Grindr* que se complementou ou muitas vezes foi contraposta pelos relatos dos entrevistados, assim como pelas fontes digitais utilizadas. E isso junto às análises bibliográficas e de fontes, me auxiliou a formar as conclusões aqui apresentadas.

Todos eles tinham opiniões próprias sobre seus usos do aplicativo, seus encontros, o preconceito existente dentro do espaço e seus próprios desejos em relação à figura masculina, seu homem ideal.

Mas antes de chegar às suas falas, é imprescindível compreender que relativamente todos possuíam perfis similares que diferiam em certos pontos, o que por consequência pode ter gerado a consciência que os entrevistados demonstraram ter sobre suas identidades: quem são, como são percebidos por outros usuários e quais seriam os fatores que motivam essa percepção. Tal consciência pode ser atribuída, em parte, ao fato de todos os dez entrevistados terem passado pelo ensino superior, contexto que geralmente favorece o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

Contudo, é igualmente importante considerar que se tratam de sujeitos com sexualidades assumidas — um aspecto que, aliado a outros marcadores sociais como cor da pele, condição socioeconômica, posicionamentos políticos e crenças religiosas, contribui para vivências que constantemente tensionam sua posição no mundo. Esses homens se veem frequentemente obrigados a se perguntar: “como sou visto?” e, ainda mais crucial, “estou seguro em ser quem sou?”.

Essa sensibilidade aparece de forma clara nos relatos de cada um deles. Começando pelo entrevistado 10 ao ser questionado sobre como amigos e familiares reagiram após ele tornar pública sua sexualidade:

⁴⁸ O *Grindr*, assim como a maioria dos aplicativos de relacionamento e redes sociais, possui métodos de confirmação de identidade relativamente simples e fáceis de serem burlados, não sendo incomum encontrar no aplicativo menores de idade se passando por adultos

Ah, da família sim, da família até hoje. (*tem rejeição*). Até hoje, assim, a gente não... A gente sabe, os meus pais sabem, mas não é uma coisa que a gente toca (*conversa*) aqui em casa, entendeu? É um tabuzinho.

Com os amigos... com os amigos e os meus primos que estão na mesma faixa de idade, a gente tem uma relação muito boa, assim, fiquei muito satisfeito, fiquei muito, fiquei muito feliz. Eu não tive amigos que se afastaram de mim, muito pelo contrário, eu fortaleci muitos laços. E com os meus primos também. Eu não tive primos gay, assim dos primos assim... mais próximos e tal.. Só que também existem questões que, mais uma vez, eu reitero que a minha experiência... eu acho que talvez seja uma exceção, no sentido que... no sentido de ser um cara branco, de ser um cara que não é afeminado, a aceitação é muito mais fácil. E disso eu tenho muita consciência de que a minha experiência não é uma experiência mais comum, se assim... é isso aí eu tenho como fato. Mas a minha experiência com amigos e primos, foi assim... de modo geral, muito bom.

- Entrevistado 10, 28 de junho de 2024

O entrevistado destaca a existência de um silêncio estrutural em sua família quanto à sua sexualidade, que, embora não rompa laços familiares, institui uma espécie de tabu tácito, revelando como a homossexualidade ainda pode ser tolerada apenas quando silenciada. Em contraste, o espaço geracional — os primos e amigos mais jovens — vem a surgir como um local de acolhimento, no qual o entrevistado encontra afeto, reconhecimento e apoio.

E notavelmente, ele demonstra uma capacidade crítica rara: reconhece o privilégio que sua corporalidade e performance de gênero conferem no processo de aceitação. Ser um homem branco e com expressão de gênero alinhada ao que se espera de um homem heterossexual permite-lhe uma circulação segura e menos contestada, tanto em contextos familiares quanto sociais.

Um reconhecimento que se relaciona com uma das conclusões de Miskolci em outra obra sua intitulada “*Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais*” (2014):

⁴⁹[...]Ao pedir que me dessem exemplos de homens “fora do meio” ou “de verdade”, frequentemente descreviam a si próprios ou imagens midiáticas que, curiosamente, circulavam até na mídia voltada para homossexuais. Em geral, eram imagens de homens jovens, com corpo malhado, cabelos curtos, alguns com barba ou cavanhaque.

(MISKOLCI, 2014, p 71)

Onde é justamente enfatizado através dos participantes da pesquisa do sociólogo o quanto a imagem do homossexual “aceitável” ou “desejável” está vinculada a essa figura

⁴⁹ MISKOLCI, Richard. “Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais”. Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades, v. 8, n. 11, 2014, p. 71.

normativa. E o fato que essas formulações se conectam ao meio digital e às mídias atualmente.

Demonstrando outra vez, o quão fortes são as categorias de gênero, pois, ser considerado igual ou semelhante ao heterossexual e possuir essa imagem de virilidade padronizada acaba beneficiando o indivíduo, mesmo sem ser algo intencional. Além disso, a questão da racialidade também é elaborada, já que não se pode comparar a realidade e o preconceito vivido por um homem negro pertencente a comunidade LGBTQIAPN+, e a realidade e o preconceito direcionados a um homem branco não heterossexual. Ambos lidam em seu cotidiano com cobranças e violências, mas em esferas muito distintas.

Outrossim, essa auto reflexividade acaba o distinguindo dos demais entrevistados. Enquanto a maioria direciona seu olhar analítico para o modo como são percebidos por terceiros — seja no aplicativo, seja na sociedade —, o entrevistado 10 volta-se para sua própria posição dentro das estruturas de privilégio e opressão, revelando uma dimensão ética e política em sua narrativa.

Em contraponto, o entrevistado 2 traz um relato atravessado por vivências de rejeição, marcadas por sua performance de gênero e identidade fluida:

Muito, assim... É, basicamente, até então, tem gente que diz que eu sou... Eu sou basicamente mais aceito pelo fato de eu ser magro. Né?

Tenho um corpo ali, ok. Então, muita gente diz que é mais fácil pra mim. Mas nem sempre. Por quê? Eu sou afeminado, né? Na verdade, eu também sou um gênero fluido.

Então eu transito tanto no feminino quanto no masculino. Então, às vezes eu gosto de sair muito menininha. Tipo, um cropped, um shortinho Né? Um gloss. Eu amo um gloss. Então, já passei por algumas situações. [...]

Aí, as minhas rejeições foram justamente pelo fato de eu ser afeminado. Né? Como fala a pesquisa. Principalmente no Grindr, o homem gay feminino não é bem aceito. Porque muitas coisas que acontecem... Muitas pessoas que estão no Grindr estão e... estão em segredo, pois elas mesmas não se aceitam. Né? Então, estar ali exposta na rua com uma pessoa que é abertamente homossexual... Que a pessoa olha e vê... Olha, aquilo é um viado que tá com outro viado. Né? Então, esse preconceito, essa pressão que bota a sociedade em cima da gente... É o que muito faz acontecer a rejeição pelo fato de eu ser feminino.

- **Entrevistado 2, 21 de junho de 2024**

Aqui, embora o corpo magro seja considerado por outros um facilitador de aceitação, o entrevistado evidencia que a rejeição que enfrenta está atrelada ao modo como performa seu gênero. Ao transitar entre expressões femininas e masculinas, ele desafia a lógica binária que estrutura o campo da sexualidade — inclusive dentro do próprio meio LGBTQIAPN+.

Seu relato é exemplar para compreender como o *Grindr*, embora apresentado publicamente como um espaço plural e acolhedor para a comunidade, acaba sendo operado de forma normativa, restringindo a diversidade de expressões de gênero a padrões que ecoam a heteronormatividade.

O entrevistado ainda propõe uma leitura crítica do próprio espaço digital. Ele observa que a plataforma, originalmente pensada como espaço seguro, se converteu em um ambiente de vigilância e reprodução de preconceitos internos à comunidade. A ideia de anonimato, central ao projeto do *Grindr*, acaba por abrigar identidades enrustidas que, não raro, projetam suas inseguranças em violências contra aqueles que assumem publicamente sua orientação ou expressão de gênero, principalmente se ela foge da visão padrão.

Porém, é importante ressaltar que apesar das constatações do preconceito vigente no aplicativo e do fato de ser um alvo constante, justamente por ser um sujeito considerado feminino, em momento nenhum em sua fala o mesmo demonstrou medo ou vergonha disso, pelo contrário, falou de sua feminilidade com muito orgulho. Pois para além de ser uma questão de trejeitos ou gostos, na visão do entrevistado é uma parte essencial de sua identidade pessoal e algo que o maximiza enquanto membro da comunidade.

Sendo essa mentalidade umas principais formas de contrapor as performances de gênero normativas de acordo com Butler (1990) em suas análises sobre a ruptura da performatividade. A autora afirma o seguinte:

Se o corpo não é um 'ser', mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada... Como não há uma 'essência' que o gênero exprima ou exteriorize, nem um ideal objetivo ao qual o gênero aspire... o gênero é, assim, uma construção que regularmente oculta sua gênese; o acordo coletivo tácito de realizar, produzir e sustentar gêneros discretos e polares como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções — e pelas punições que acompanham o fato de não se concordar em acreditar nelas" (BUTLER, 1990, p. 96)

Basicamente, mostrando mais uma vez que a ideia desse gênero discreto e binário que conhecemos é uma espécie de acordo silencioso estabelecido pelas sociedades e que constantemente são replicados no cotidiano dos indivíduos. Entretanto, não sendo algo definitivo, nada impede que outras performances se manifestem pelo corpo e personalidade de cada, claro, estando suscetível aos julgamentos e violências vindas do grupo majoritário, como vimos nos relatos. Mas que é um modo de quebrar esses ciclos e dar força às pluralidades existentes em cada pessoa, sexualidade, gênero e identidade.

E tal comportamento de resistência identitária é o que enxergamos nesse relato vem a ser um contraponto direto contra essa exaltação das masculinidade do homem discreto, que já deixa de ser meramente uma masculinidade heteronormativa conhecida pela sociedade, mas sim algo novo no meio digital e que se coloca como um caminho excludente da comunidade LGBTQIAPN+.

2.4 Discussão sobre hierarquias de gênero, preconceitos e resistência na esfera virtual

Uma pergunta voltada para as questões das masculinidades durante as entrevistas obteve respostas diferentes, mas que seguiram uma linha de raciocínio e vivência relativamente muito semelhantes umas às outras, demonstrando um contexto de preconceito, mas também de desconstrução desse caráter normativo dentro dos entrevistados.

A pergunta foi a seguinte: “ Você já foi ou já rejeitou alguém por o considerar afeminado?”, um questionamento feito com objetivo de tentar compreender como esses sujeitos pensavam por si próprios sobre esses preconceitos em torno do feminino, pois, é mais simples comentar sobre experiências e comentários que terceiros já teceram, do que falar por conta própria opiniões que possam soar ofensivas.

A resposta do entrevistado 9 a essa questão foi a seguinte:

Sempre foi super tranquilo (*experiências fora do aplicativo*).

Agora em relação ao aplicativo, sim, justamente dessas discussões que não fazem sentido na minha cabeça. Tipo assim, a pessoa quase ser uma drag e tipo “ ah, poxa, tu é muito afeminado, não sei o quê” Ah, beleza, né?

E, isso não me afeta, principalmente vindo dessas pessoas, eu fico como assim? Parece que tu tá andando de salto e tu tá falando com essa voz, mas tudo bem, é realmente questão de aceitação, né?

A pessoa não se aceita e ela quer que outras pessoas não se aceitem também. Mas, enfim, acho que hoje em dia eu sou muito autêntico comigo mesmo, assim. Logo no início, nossa eu era completamente indiferente.

- **Entrevistado 9, 19 de junho de 2024**

A resposta dele aborda duas questões distintas: a diferença entre as experiências online e offline, e a exigência de um perfil discreto vinda de sujeitos afeminados. Primeiramente, em relação às experiências vividas dentro e fora do aplicativo, o entrevistado 9, sendo um homem negro, alto, nas relações sexuais costuma ser o ativo e com uma aparência física considerada discreta, não teve que lidar como uma exigência de um comportamento específico enquanto se relacionava em festas, bares ou círculos de amizade.

Pelo contrário, até certo ponto ele próprio foi quem fez essas exigências em uma fase anterior de sua vida.

Mas a partir do momento em que ele se torna um usuário do *Grindr*, um lugar que se torna progressivamente centrado nesse imaginário do homem discreto e que tem a questão imagética como uma das principais, sua vivência passou a ser dupla. No espaço virtual cada imagem passa uma mensagem para os outros usuários, e por sua vez, os mesmos já tem quase automaticamente uma lupa de gênero em seu olhar. Logo, um sorriso um pouco mais aberto, uma roupa colorida, ou simplesmente mostrar seu rosto sem nenhuma discrição, já pode indicar um comportamento feminino, e por consequência gerar uma rejeição.

O que nos leva ao segundo ponto, no caso do entrevistado 9 as exigências são feitas justamente por indivíduos considerados afeminados, ou seja, que não se enquadram dentro desse perfil normativo e que provavelmente também passam por algum tipo de discriminação em suas vidas. No entanto, ao invés de tentar interromper esse comportamento, os mesmos acabam dando continuidade enquanto buscam essa imagem do homem discreto, viril, forte, na tentativa de validar sua própria identidade por meio da deles.

Esse contexto se conecta com uma frase dita por Foucault no primeiro volume de sua obra onde aponta, “*O poder, longe de dizer não ao sexo, incitou-o a se manifestar, a falar, a se analisar e a se transformar em objeto de saber*”. (FOUCAULT, 1988, p. 61). O que basicamente significa que o poder muitas vezes parte de discursos e normas sociais, principalmente partindo de denominações criadas com o intuito de entender e controlar o outro. Algo claramente existente dentro do *Grindr* e que influencia a mentalidade que os usuários detêm uns sobre os outros.

E por consequência, acabam replicando preconceitos existentes fora do aplicativo no seu cerne e dando força para tornar o mesmo um espaço de exclusão, ao invés de acolhimento e relacionamentos entre os membros da comunidade.

Já nas experiências do entrevistado 1, o que é percebido é um outro ponto de vista desse mesmo cenário:

Ah, com certeza...Com certeza.

Inclusive, justamente por conta disso, eu adotei como medida pra mim. Vê o perfil. E aí, se eu noto... Porque tu sabe que tem aquelas..... “Ah, afeminadas que passar para outro perfil”. Coisas nesse sentido.O que é que eu faço?

Se a pessoa chamame dá tap, me chama no chat.Eu já digo, “olha, eu não atendo às tuas expectativas. Não vai rolar”. Aí a pessoa insiste. Aí a gente até tenta, vai conversando. Mas se a pessoa disser, “ah, então tá ok”.

Só passar. Eu faço muito isso

- **Entrevistado 1, 05 de julho de 2024**

Enquanto o entrevistado 9 se viu até certo ponto protegido dessas exigências estando fora do aplicativo, o 1 tem uma experiência inicialmente até oposta, pois ele é um homem abertamente afeminado. E infelizmente, muitas vezes acaba sendo rejeitado sem nem mesmo conversar com outros usuários, ou mesmo ser ofendido abertamente por eles apenas por não querer performar uma discrição, ou mesmo por não manter sua vida em sigilo.

No entanto, justamente por ser um alvo constante desse preconceito, o mesmo desenvolveu uma espécie de estratégia de proteção, ao invés de esperar a agressão ou rejeição ocorrerem, ele passou a ir de perfil em perfil ver o que cada um procurava, ou, se recusava a encontrar. E quando descobria um perfil voltado a esse homem discreto e que rejeitava afeminados, simplesmente os bloqueava, não tendo que se preocupar com eles futuramente de modo algum.

Algo que também aumentava a possibilidade de encontrar no *Grindr*, caras que realmente gostassem do perfil dele, pois quando se tira perfis da grade, automaticamente outros perfis próximos assumem seu lugar.

E por fim, mas não menos interessante, tem-se a trajetória do entrevistado 7 sobre sua percepção dos afeminados:

Afeminado especificamente, não. Mas... Como é que eu vou dizer isso?

Eu já fui rejeitado porque, enfim, tiveram vários momentos na minha vida que foram variando. Porque depende muito de qual contexto eu estou inserido. Se eu, com frequência, saio com amigos que são LGBTs e são afeminados, eu vou deixando de lado o temor de ter alguma atitude feminina.

Que possa ser interpretada como afeminado. Apesar de todo o meu contexto histórico da família rejeitando qualquer traço de feminidade em mim, que fez internalizar essa ideia e construir o ser que eu sou hoje.

Mas com outras pessoas, logo no começo que eu estava me assumindo, era mais difícil para mim sentir atração por um homem afeminado. Com o tempo, se tornou uma atração.

Tanto que eu prefiro. Já até escutei sermão no Grindr por isso.... Porque o cara me abordou, falou insistentemente em várias maneiras de dizer que ele era discreto, que não era afeminado. Aí eu me encontrei com isso e falei “Não, pô, não vou ficar contigo porque tu não é afeminado. Eu curto afeminados”.

- **Entrevistado 7, 25 de junho de 2024**

Entrevistado 7, um homem pardo, bissexual e considerado um urso (tribo gay) e que ao longo de sua vida passou por diferentes saídas do armário, primeiro para sua família, depois para amigos que fez já na comunidade, e eventualmente para outros amigos íntimos, algo que o levou desconstrução desses mentalidades de modo gradual.

Começando por uma certa aversão ao afeminado e tudo que ele poderia representar, por exemplo a comunidade e um estilo de vida, depois para uma problematização feita por si

próprio ao fazer cada vez mais laços afetivos com outros membros, e atualmente se tornou seu foco de atração, sendo os perfis que mais atraem sexualmente ele, dentro e fora do aplicativo nos últimos anos.

Através disso podemos ver o desenvolvimento de um caminho de ressignificação de uma imagem de gênero. A respeito disso, Beauvoir faz um importante comentário sobre a desconstrução do gênero “*É pela liberdade que a mulher deve se afirmar; negando os limites que a tradição lhe impôs, ela se liberta, não para imitar o homem, mas para construir a si mesma como sujeito autônomo.*” (BEAUVOIR, 1949). E apesar da frase se referir diretamente ao feminino, também serve ao masculino, ao afirmar que não se deve imitar um homem, mas sim construir seu próprio caminho e identidade.

Trajetos esse feito pelo entrevistado 7, pois, se num primeiro momento ele teve algum preconceito com a feminilidade existente num homem, isso adveio de um contexto familiar e social que o incentivou a pensar desse modo, mas justamente ao adentrar a comunidade e abraçar sua identidade como um homem bissexual, ele passou a enxergar as coisas de uma maneira menos preconceituosa e com maior compreensão.

Ao mesmo tempo, também é trazido novamente a predominância da imagem do homem discreto e o pensamento de que ele é o perfil correto a seguir. Quando o entrevistado 7 fala que já foi cobrado várias vezes por outro usuário para se relacionar com ele que se intitulava como discreto, nota-se o quão essa figura acredita que detém um protagonismo dentro do *Grindr* e que deve ser ouvida. Mesmo que teoricamente não tenha sido para isso que o aplicativo foi criado.

Sendo assim, podemos enxergar nessas vozes e percepções certas constâncias nos usos e experiências vividas no aplicativo. A presença da figura do homem discreto é de fato uma problemática que parece cada vez mais tomar importância na vida dos usuários e seus conflitos; ao mesmo tempo, existem de outros tipos de masculinidades, sejam afeminadas ou não, que são alvo de certo preconceito, mas não deixam de ocupar seu lugar dentro dos espaços; e no meio disso tudo, percebe-se como quase todas essas disputas estão envolvidas em uma busca, a de parecer algo. Não apenas os usuários se esforçam para mostrar suas identidades e encontrar parceiros ao seus gostos, mas sim para performar uma imagem que eles acreditam que seja a correta, o que na maioria das vezes leva a disputas com ou a tentativa de parecer, o homem discreto.

3.PERFORMANCES MASCULINAS, SOCIALIZAÇÃO E IDENTIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL E OFFLINE

3.1 Relação entre as “tribos gays” de Belém, a construção de identidades coletivas e o impacto das redes sociais

Este capítulo detém o intuito de apresentar com detalhes os grupos masculinos existentes dentro do *Grindr*, suas performances de masculinidade e o impacto que as mesmas detém entre as relações dos usuários, ou seja, mostrar de modo mais concreto o quanto influenciada é a homossociabilidade belenense pelo espaço virtual queer e as questões de gênero. Outra vez, por meio dos resultados da triangulação concomitante utilizada como metodologia nesta pesquisa, que permitiu definir a análise em torno: dos discursos apresentados pelos entrevistados e pelos perfis dos usuários catalogados; do quantitativo das imagens apresentadas pelos perfis existentes na região metropolitana de Belém; verificar a situação de grupos, ou melhor, tribos gays de Belém, assim como obter uma noção superficial das intenções da empresa por trás do *Grindr*.

As fontes debatidas nesse ponto específico vem a ser: os dados de 50 perfis de usuários catalogados na região metropolitana, sendo uma amostra de um total de 200; as 104 respostas dos usuários ao primeiro formulário online aplicado entre 10 de abril de 2024 e 22 de junho de 2024 entorno da imagem masculina; três perfis do instagram de tribos gays diferentes que atuam ou atuaram na cidade, e a continuidade do relato dos 10 entrevistados.

Sendo assim, antes de retomar as masculinidades dentro do aplicativo, se faz necessário voltar um pouco e compreender as masculinidades, no caso as masculinidades gays fora dele, no contexto belenense e coletivo. E é aqui que se mostra definitivamente as nuances das “tribos gays”.

Elas são basicamente categorias culturais e sociais formadas dentro da comunidade LGBTQIAPN+, especialmente entre homens gays, que agrupam indivíduos com base em características físicas, estéticas, comportamentais ou estilos de vida. Sendo formas de identificação e pertencimento que ajudam a construir vínculos e comunidades dentro da diversidade da vivência gay.

Dentro delas, existem padrões próprios de aparência e comportamento que definem a forma como se apresentam à comunidade. Entre elas, devem ser citados os: Ursos (Bears) constituem uma das tribos mais consolidadas. São, em geral, homens gays corpulentos, com pelos abundantes no corpo e no rosto, frequentemente associados a uma estética rústica e

viril. Essa identidade valoriza a masculinidade tradicional e se posiciona como alternativa ao ideal hegemônico de juventude e magreza, propondo um erotismo centrado em corpos maduros e robustos.

Os Papais (Daddies) representam outra expressão da masculinidade valorizada. São homens mais velhos ou que performam a figura de autoridade, experiência e poder, muitas vezes associada ao cuidado e à virilidade. A relação entre daddies e parceiros mais jovens pode carregar elementos de erotização da diferença geracional e simbólica, configurando dinâmicas de poder e desejo específicas.

Mas também existem grupos voltados para a feminilidade como os twinks, que são geralmente jovens, magros, imberbes e com traços delicados. A estética twink está associada à juventude efêmera, à androginia e à performatividade mais leve ou efeminada. Frequentemente valorizados nos circuitos do desejo, twinks também estão sujeitos a objetificação específicas e à obsolescência simbólica conforme envelhecem.

E as Barbies, uma tribo caracterizada por uma estética exageradamente feminina e performática. Valorizam o corpo esculpido, o bronzamento artificial, a ostentação de marcas e a presença social nas redes e eventos. A identidade Barbie flerta com o camp e com o glamour, sendo ao mesmo tempo celebrada e alvo de estigmas dentro da comunidade.

As tribos não apenas representam estilos de vida ou corpos específicos, mas articulam performances de gênero — especialmente de masculinidade — que dialogam com normas culturais amplas. Por exemplo, a valorização de tribos associadas à virilidade tradicional (como os jocks⁵⁰, daddies ou leathers⁵¹) reforça a masculinidade hegemônica, enquanto outras, como os twinks ou as chamadas barbies, são frequentemente marginalizadas por expressarem traços considerados femininos ou afeminados. O que torna o aplicativo um campo onde masculinidades são negociadas, validadas ou rejeitadas.

Assim como também moldam os circuitos de desejo, ou seja, as rotas pelas quais o desejo circula e se organiza. No *Grindr*, essas rotas são altamente visuais e instantâneas, favorecendo estéticas específicas e gerando padrões de exclusão que muitas vezes reproduzem opressões sociais mais amplas — como racismo, gordofobia, etarismo e misoginia internalizada. O usuário que não se encaixa nas tribos valorizadas ou que expressa

⁵⁰ São atletas da comunidade. Podendo ser jogadores de futebol, personal trainers ou nadadores, surfistas ou jogadores de basquete, acrobatas circenses e dançarinos de balé clássico e contemporâneo.

⁵¹ Essa tribo se caracteriza por práticas e estilos de vestimentas organizados em torno de atividades sexuais como o BDSM (Bondage, Disciplina, Sadomasoquismo) que envolvem couro vestuário, como jaquetas de couro, coletes, botas, rachaduras, galochas, arreios, dentre outros itens

identidades dissidentes pode enfrentar silenciamento ou rejeição explícita, muitas vezes através de frases nos perfis como “sem afeminados”, “másc 100%” ou “só tribo tal”.

Em Belém, foi possível identificar uma gama de interpretações sobre as categorias por meio de perfis nas redes sociais, da catalogação dos perfis e das respostas expostas nas entrevistas com os usuários, do campo do desejo e das formas de reconhecimento entre os usuários. Porém para facilitar a compreensão desses grupos, neste momento serão abordados de forma rápida três perfis do Instagram responsáveis por promover atividades distintas de tribos em torno da comunidade LGBTQIAPN + .

Começando pela @Bear Pool Party | Festa⁵², um perfil criado em fevereiro de 2022 e que, desde então, foi dedicado majoritariamente a promover festas da comunidade ursina de Belém. Em seus principais conteúdos, veem-se pôsteres de promoção das festas e fotos dos eventos com seus participantes, muitas vezes descamisados e na piscina. Além disso, há também informações sobre a comunidade ursina; por exemplo, entre as primeiras publicações do perfil, houve uma série de postagens informativas sobre os subtipos da tribo, entre eles, os chasers, as lontras, os ursos polares, os filhotes, entre outros.

Por meio das postagens, é possível notar que existe uma certa homogeneidade em seus participantes. Fisicamente, o padrão mantido costuma ser homens grandes (gordos ou parrudos), peludos, e a maioria aparenta ser mais velha. Mas, para além da aparência, parece existir uma relação entre os membros, pois muitos rostos dessas fotos se mantiveram presentes em 2022, 2023, 2024 (o ano em que esta pesquisa se centra) e 2025.

Outrossim, a tribo urso especificamente, tanto por meio do perfil, quanto da catalogação onde dos 50 usuários catalogados 6 correspondem unicamente a essa tribo e 12 correspondem junto a outros tribos, e das respostas dos entrevistados onde 13,6% das respostas consideram os ursos o perfil mais atraente, aparenta ser, dentro da categoria tribo, uma padronização identitária ou e de desejo proeminente, e simultaneamente uma comunidade relativamente unida, algo que difere das demais.

Além deles, também se destacou @THEMÔNIAS | ASCULTA⁵³, um perfil criado em janeiro de 2020 e que se mostra responsável por promover a arte drag amazônica de um grupo, em muitos casos, trazer conscientização sobre a comunidade gay, drag, trans e outras associadas ao Queer. O principal conteúdo são as inúmeras performances artísticas, eventos e até trabalhos científicos criados por seus membros.

⁵²Disponível em: https://www.instagram.com/bearpoolparty?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MWU4cGR6aGdjZ2k4MO== . Acesso em 14/03/2025

⁵³Disponível em: https://www.instagram.com/asthemonias?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MXRIZTBhbG0wcW9tMg== . Acesso em 14/03/2025

Esse perfil, diferente dos ursos, destacou-se por mostrar um grupo identitário, artístico e que não necessariamente se mostra homogêneo, mas que está aberto à comunidade e tem objetivos de ajudar seus membros a crescerem profissionalmente. O que leva a um caminho muito distinto do que é pautado quando se pensa numa tribo, mas que ainda se enquadra dentro, pois são indivíduos com gostos e metas semelhantes que se unem.

Outrossim, essa tribo é outro exemplo perfeito de uma performance de gênero que subverte a binariedade, pois o trabalho e arte de seus membros vem justamente da persona feminina que eles expõem nesse espaço. E essa vivência externa também é um contraponto à realidade do *Grindr*, 54,8% dos 104 usuários que responderam ao formulário apontam que já foram rejeitados dentro do espaço virtual, num ambiente de desejo, justamente por não serem masculinos o suficiente. Um cenário diferente daquele enaltecido por estes artistas.

E, por último, *@gaymadabel*⁵⁴, um perfil criado em dezembro de 2019 com o intuito de unir os membros da comunidade por meio do esporte. Dos três, ele foi o que menos teve atividade desde sua criação, e sua última atualização, no momento desta pesquisa, ocorreu em 23 de novembro de 2021. No entanto, ele se mostrou relevante pelo seu propósito.

Suas postagens se centravam em promover eventos de esporte próximos a datas festivas como carnaval e natal, e mostrar seus participantes. A intenção de trazer a questão da saúde junto à questão física e à inclusão da comunidade se mostrou importante por trazer um olhar sobre esses grupos atléticos e considerados muitas vezes atraentes.

E isso, junto aos dados da catalogação do *Grindr* e das respostas, acaba trazendo outras considerações à tona do contexto belenense das masculinidades. Dito isso, a constante repetição da categoria "Discreto", seja sozinha ou acompanhada de outras (ex: "Urso-Discreto"), novamente aponta a existência de uma prática recorrente entre muitos membros masculinos pertencentes a comunidade: a administração consciente da própria visibilidade sexual e de gênero.

Segundo Miskolci (2017), o perfil "discreto" no *Grindr* não representa apenas uma escolha pessoal, mas um posicionamento político, social e afetivo, profundamente vinculado à masculinidade hegemônica, no nosso caso, o homem discreto. Esse "discreto" então tentaria repetidamente performar uma masculinidade que se distancia de qualquer traço que possa ser lido como "afeminado", "exposto" ou "dissidente", e buscando uma masculinidade que

⁵⁴Disponível em: https://www.instagram.com/gaymadabel?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=dXN0MmFlaWh4ZGQ5. Acesso em 14/03/2025

permanença alinhada aos códigos culturais heteronormativos, mesmo em um espaço de sociabilidade gay.

Em outras palavras, trata-se de um jogo de permanecer no armário digital, muitas vezes reproduzindo o binarismo entre "o que é ser homem de verdade" e "o que é ser um gay visível".

Ademais, outro fator muito evidente são os perfis que não escolheram tribo nenhuma, o que transmite a possibilidade de que a não identificação também é uma performance de gênero e uma estratégia de proteção. Muitos desses sujeitos podem ser discretos, mas preferem não nomear-se como tal, ou possuem outras masculinidades consideradas indesejadas ao se unir a imagem de uma tribo, e por meio disso, serem isentados de expor qualquer representação que possa ser eventualmente julgada.

Essa codificação da identidade impacta diretamente a construção das masculinidades. Pois de acordo com Simmel “*O indivíduo participa de diversos grupos sociais, mas nenhum deles o absorve completamente; é justamente a intersecção dessas múltiplas pertencas que molda sua individualidade*” (SIMMEL, 2006), e isso abrange a comunidade LGBT e o senso de seus membros em não apenas ser respeitado ou desejado, mas se sentir pertencente a um grupo, trazendo mais influências das categorias de gênero para sua posição na sociedade e no espaço digital.

Logo, os dados sobre as tribos, fora e dentro do aplicativo, revelam que a masculinidade discreta em Belém pode não apenas ser uma escolha estética ou prática: ela aparenta está profundamente entrelaçada com as normas de gênero, com a hegemonia da masculinidade cis-heteronormativa e com os regimes de visibilidade e invisibilidade impostos aos corpos dissidentes. E mesmo em um ambiente que teoricamente deveria permitir maior liberdade de expressão, como o *Grindr*, a lógica da discrição continua operando como um filtro de aceitabilidade, desejo e reconhecimento social.

No entanto, os mesmos também revelam a existência de espaços que vão além do virtual e permitem outros tipos de performances e interações, como é o caso do grupo artístico drag e em certo ponto o grupo de festas da comunidade ursina, pois para além de lugares de convivência ou trabalho, também se mostram como lugares de apoio aos membros de suas respectivas tribos.

3.2 Influência das performances online nas sociabilidades e identidades masculinas no cotidiano

Como se pode entender essa restrição de Barbosada Silva ao "homossexual passivo" no agenciamento do "grupo homossexual"? Provavelmente, os "ativos" e "duplos" - ainda que incluídos na classificação de homossexuais - não seriam sujeitos do grupo homossexual na medida em que suas "atitudes masculinas" os confundiriam com os varões heterossexuais. A exclusão praticada pelo autor é coerente, então, com os seus postulados iniciais, que apontavam no sentido de estabelecer uma diferenciação taxativa entre "homossexuais" e "heterossexuais" (PERLONGHER, 1987, p.71)

A pontuação de Nestor Perlongher, antropólogo argentino e representante do direitos dos homossexuais, sobre a formulação de outro pesquisador sobre os diferentes tipos de homossexual indica fortemente o modo como os membros da sociedade, sejam pertencentes a comunidade LGBT ou não, enxergam na relação sexual os papéis de homem e mulher, e o efeito negativo a homossociabilidade.

Muitas vezes denominando a partir das posições exercidas dentro do encontro sexual, quem é o macho e a fêmea da relação, e por meio disso também definir quem é o gay e o hetero. Ou seja, no momento em que um indivíduo é classificado como tendo um tipo de masculinidade diferente de seu parceiro, o mesmo acaba sofrendo um preconceito direto sobre sua sexualidade, muito pautada na imagem masculina.

E os dados extraídos da catalogação apontam mais indícios dessas questões de construção de masculinidade. As informações coletadas apontam não apenas para o que os sujeitos escolhem explicitar sobre si, mas, sobretudo, para aquilo que decidem omitir — e é nesse jogo entre performances e ausências que se desenham as lógicas de pertencimento, desejo e exclusão nos espaços digitais voltados à população LGBTQIAPN+.

Começando pelo fator mencionado acima, vindo da perspectiva de um livro publicado nos 80, mas que ainda é considerado importante na vida dos indivíduos da comunidade atualmente, em específico os masculinos, a posição sexual. E essa relevância acaba se originando justamente da binariedade do masculino e feminino, pois, mesmo que essa questão se trate apenas de como sentir prazer dentro de uma relação sexual, a sociedade costuma associar essas posições aos papéis de homens e mulheres. Logo, outros estereótipos de gênero em torno das masculinidades e feminilidades ganham forma.

Outro exemplo vem na fala do entrevistado 8 ao relatar seu desconforto com insinuações sobre sua posição sexual pelas suas fotos:

Eu acabei de falar pra você, (*os outros usuarios acham que sou*) passivo e afeminado.

Porque lá no Grindr tem cinco fotos. Tem fotos do meu rosto e do meu corpo. Eu faço questão de mostrar, pra ninguém ficar me perguntando nada e pedindo. Porque eu, antigamente, usei sem imagem. Agora eu uso com a imagem, com descrição e tudo. E eu exijo do outro parceiro que mostre suas fotos. Mande nudes, tudo. Eu quero ver

- **Entrevistado 08, 20 de junho de 2024**

O desconforto vem do fato do entrevistado 08 se identificar como versátil ativo e não afeminado, e deixar isso bem claro nos dados de seu perfil, tanto nas definições quanto na aba de auto identificação. Porém, o fato dele ter uma aparência mais delgada, ser bem jovem e acima disso, ter fotos em seu perfil que evidenciam sua bunda, acaba vinculando sua imagem, na visão dos outros usuários, como a figura perfeita do passivo sexual afeminado. Algo que se reflete em todas as posições sexuais, a imagem de um gênero.

O número de usuários que se define como “Ativos” é (8) e os “Versáteis Ativos” são (3), quase 20% dos usuários catalogados. No imaginário masculino da comunidade LGBTQIAPN+ (e na sociedade de forma ampla), o “ativo” é muitas vezes associado ao homem dominante da relação, sendo forte e viril, características já apontadas como normativas e extremamente valorizadas.

O que ao mesmo tempo que pode se limitar apenas uma forma de prazer desses indivíduos, também pode indicar uma busca para se associar a “masculinidade padrão” e manter distância de comparações ao feminino.

Já os “Versáteis” (9), também uma categoria numerosa trazem à tona um aspecto positivo: o aumento da visibilidade de uma flexibilização sexual. E isso pode indicar uma ruptura, ainda que parcial, com os binarismos tradicionais de gênero (ativo/masculino versus passivo/feminino). Pois durante muito tempo, um sujeito sexualmente versátil era simplesmente lido como um gay assumido ou que desejava esconder sua verdadeira posição, a de passivo⁵⁵.

Por sua vez, a quantidade de sujeitos que se identificam como "Passivo" (7) e "Versátil Passivo" (2) também é significativa, mas fica levemente atrás dos números de "Ativos" e "Versáteis". Em termos de gênero, a posição passiva é até hoje aquela que carrega,

⁵⁵ PERLONGHER, Nestor Osvaldo. O negocio do miche: prostituição viril em São Paulo. 1987.

dentro de muitos grupos gays, um estigma associado ao feminino, à vulnerabilidade, à subalternidade e definido por muitos, como o verdadeiro gay.

Richard Miskolci (2017) discute como, mesmo dentro de espaços como o *Grindr*, a feminilização do homem gay é muitas vezes objeto de rejeição ou discriminação, e a figura do passivo costuma estar associada a esse cenário. O que por consequência pode vir a influenciar a forma como os sujeitos se apresentam, muitas vezes optando por esconder ou suavizar suas preferências passivas por receio de rejeição.

E esse mesmo panorama pode ser a razão pela qual (21) usuários optaram por não identificar sua posição. Não indicar se é ativo, passivo ou versátil, ao mesmo tempo que pode dificultar a ocorrência de encontros com os sujeitos desejados, também pode vir ser múltiplas estratégias: desde uma tentativa de escapar das hierarquias sexuais tradicionalmente impostas nas quais a passividade sexual é frequentemente desvalorizada e colocada sob uma ótica de fragilidade, enquanto ser o ativo é visto como forte e viril por regra, ou até um cálculo pragmático voltado à ampliação das possibilidades de contato.

Assim, quando a posição sexual não é explicitamente definida pelo usuário, há uma diminuição significativa das cobranças normativas que normalmente recaem sobre a construção de sua imagem. Tal indefinição torna fluída as expectativas alheias, uma vez que impede a antecipação ou a categorização rígida com base em estereótipos associados à passividade, atividade ou versatilidade.

Dessa forma, tanto as imagens compartilhadas — especialmente as fotografias do corpo ou do rosto — quanto as auto-descrições e exigências inseridas no perfil, deixam de ser automaticamente interpretadas sob o filtro dessas categorias normativas. Isso reduz a possibilidade de vivenciar situações de preconceito e exclusão, funcionando, em certa medida, como uma estratégia de proteção simbólica e relacional nesse espaço mediado.

Seguindo essa mesma linha, as categorizações de gênero apontam questões interessantes ao se falar de normatividade, e novamente, do homem discreto. Nos dados é mostrado que a maior parte dos usuários se identifica entre "Homem", "Homem Cis" e "Homem/Homem Cis", totalizando 33 participantes que explicitamente se identificam como masculinos dentro do espaço virtual do *Grindr*.

A presença da palavra "cis", termo utilizado para se definir pessoa que se identifica com o gênero de nascimento, em pelo menos 16 desses perfis (13 + 3) indica que uma parcela considerável dos sujeitos faz questão de enfatizar sua cisgeneridade entre todos os usuários. Isso pode ser interpretado como uma simples resposta às discussões de gênero que vem ganhando cada vez mais espaço nas produções científicas e sociais, porém, outra interpretação

dessa situação onde o "Homem Cis" aparece pode ser a necessidade de ter esse marcador apontado no perfil como uma espécie de mecanismo de segurança, reforçando uma posição de pertencimento à masculinidade normativa.

Afinal, dentre eles, 3 perfis fizeram questão de marcar as duas categorias simultaneamente, mesmo sem ter uma obrigação dentro do aplicativo de se definir de algum modo. De acordo com a visão de Connell (1995), essa pode ser uma das muitas estratégias comuns de afirmação da masculinidade hegemônica: reforçar fronteiras entre o que é visto como "homem legítimo" e outras formas de masculinidade, como as masculinidades trans ou não-binárias. Essas duas por sua vez, a trans não aparece em nenhum dos dados dessa pesquisa, e as não-binárias, até surgem, mas de um modo extremamente escasso.

O que é ressaltado repetidamente por meio da resposta dada no formulário, mais de 90% dos 104 usuários que responderam afirmaram se sentir julgados de algum modo dentro do aplicativo, e mais uma vez isso é diretamente conectado à forma como eles expõem sua identidade, sua masculinidade.

Mostrando dessa forma, que mesmo uma categoria simples de identificação não obrigatória possui um peso dentre as escolhas dos usuários, principalmente no que se refere a performance de sua imagem masculina. Não existe simplesmente uma aleatoriedade, muitos deles pensam com cuidado como se apresentar dentro desse espaço

3.3 Resistências e negociações de gênero em diferentes espaços, virtuais e presenciais

Mas para além disso, é importante também frisar que o *Grindr* não é o único espaço, virtual ou não, onde essas redes de homosociabilidades e questões de gênero ocorrem. Na realidade, elas estão presentes em quase todos os lugares utilizados pela comunidade queer. Sendo assim, os espaços virtuais se articulam com o papel central das redes sociais como mediações para o desejo e a construção de vínculos. Antes mesmo da popularização do *Grindr*, sites e plataformas como *Orkut*⁵⁶, *Facebook*⁵⁷ e *Bate-Papo UOL*⁵⁸ já funcionavam como lugares de experimentação e reconhecimento para os sujeitos LGBTQIAPN+. É o que aponta novamente o entrevistado 10:

⁵⁶ Foi uma rede social criada pelo Google em 2004 que fez muito sucesso no Brasil e na Índia, permitindo que usuários criassem perfis, adicionarem amigos, participassem de comunidades, enviassem scraps (recados) e depoimentos, e tivessem a função "quem visitou meu perfil". Sendo desativado em 2014

⁵⁷ É uma rede social voltada para conexão de pessoas, troca de mensagens e publicações de texto ou mídias. Controlada pela Meta Platforms Inc., a plataforma possui mais de três bilhões de usuários ativos por mês, e pode ser acessada via aplicativo para Android, iOS (iPhone) ou usando um navegador no PC.

⁵⁸ Plataforma brasileira de chat e encontros, gratuita, que permite aos usuários conversar e se conectar com outras pessoas em tempo real através de salas temáticas ou conversas privadas

Cara, a primeira (*experiência*)... Eu usava o bate papo da UOL.

Acho que todo mundo usava o bate papo da UOL antes do Grindr. Mas eu usei ... eu usava o bate papo da UOL. Eu lembro de eu com 12, 13 anos de idade entrando no bate papo da UOL e aquele monte de pedófilos em cima, assim, da área, eu lembro muito claro disso.

Mas eu só saí a primeira vez para um encontro quando eu tinha 19 anos. Isso daí eu sei que eu sou muito bom com datas. E aí eu lembro certamente que quando eu tinha 19 anos eu saí para o primeiro encontro.

E aí me marcou porque eu já marquei o segundo no mesmo dia. Eu já saí para o primeiro, para a primeira tarde.

E no segundo eu fui à noite e já dormi na casa do rapaz, eu já conheci. E isso é o bate papo da UOL, antes do Grindr. Mas aí eu esqueci com tempo. Eu saí do bate papo da UOL porque na época já tava, já tinha o Grindr já.

Eu acho que era... isso era 2014, eu acho...

- Entrevistado 10, 28 de junho de 2024

O relato dele evidencia um uso precoce das tecnologias digitais como ferramenta de contato, ainda que em contextos vulneráveis e marcados por risco, como o próprio entrevistado aponta ao mencionar a presença de adultos assediando menores, algo que ele vivenciou no início de sua adolescência. Esse papel de outras redes sociais também é reconhecido por outros entrevistados, como o entrevistado 9:

Um amigo meu falou assim, “Olha, tem um aplicativo que é bem melhor do que o chat da UOL e tal.

Aí eu “Caramba, sério” a gente baixou e tal, ficou... A gente se falava muito por lá, porque a gente morava muito perto. Mas eu sempre falava com ele. Tipo, eu sempre coloquei a minha foto. E aí, geralmente, eu conversava com umas pessoas. Tipo, raramente eu saí com pessoas do Grindr. Acho que desde 2019 pra cá, eu saí com 10 pessoas.

- Entrevistado 10, 28 de junho de 2024

Assim, a experiência que eles iniciaram no Bate-Papo UOL, se prolongou até o surgimento do *Grindr* em 2011, mostrando uma espécie de transição digital dos usuários e sua busca por encontros. E também nos dá a ideia dos usos feitos pela comunidade das redes sociais, pois um site como o Uol, criado no final da década de 1990, não foi feito pensando nesse objetivo, mas os indivíduos queer adaptaram as funções disponíveis às suas necessidades, ao menos nesse primeiro instante.

Ou seja, a partir do momento em que a sexualidade se torna assumida para si próprio, essas plataformas deixam de ser apenas espaços de curiosidade e experimentação e passam a ser instrumentalizadas para o agenciamento do desejo e da sociabilidade. Esse uso também é trazido pelo entrevistado 7:

Olha, é desde, acho que desde 2015 mais ou menos, que o Facebook se tornou a principal rede social que eu uso. E a partir do momento que foi a última vez que eu

me assumi, que eu saí daquela bolha social que era o primeiro grupo e expandi o meu mundo na internet, eu utilizei o Facebook para marcar meu primeiro encontro. Eu basicamente... Desculpa. Eu procurei a primeira pessoa LGBT que estava na minha lista de contatos de amigos pelo Facebook, mandei um convite, tipo, para mandar mensagem e daí eu marquei. Tipo, do nada. Me deu uma ideia? “Ah não, vou procurar alguém para ser o primeiro beijo, perder o bv”.

Daí eu marquei o encontro pela mensagem do Facebook mesmo, depois trocou o WhatsApp, fui para esse primeiro encontro. A partir daí eu comecei a ganhar um pouco mais de coragem para tentar outros meios, outros aplicativos. Comecei com o Tinder, onde eu conheci, inclusive, vários dos amigos que eu tenho até hoje. Aí eu tentei aplicativos que pareciam um pouco mais leves, porque o Grindr, ele parece um pouco, como é que eu posso dizer, extremo, agressivo, muito específico.

E naquele momento eu tentava aplicativos que parecessem um pouco mais leves, tipo o Happn, o próprio Tinder. E até chegar o momento que, ah não, agora eu quero foder, não sei o que.

- Entrevistado 7, 25 de junho de 2024

Miskolci destaca em seus trabalhos que com o uso das tecnologias, independente se para fins de amizade ou de busca por parceiros sexuais pelos membros da comunidade, não está limitado ao espaço físico. E por meio das redes sociais e aplicativos as possibilidades de conexão com outros indivíduos foram drasticamente expandidas. Ao mesmo tempo que cada um desses novos espaços virtuais acabaram desempenhando funções distintas nessa reformulação digital dos relacionamentos.

As experiências dos três entrevistados reforçam essa ideia de que a busca por pertencimento passa pela mediação digital nos espaços virtuais, no entanto de modos distintos. O *Facebook*, diferente do *Bate Papo Uol*, se torna um instrumento de visibilidade e acesso à comunidade LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo em que permite o controle sobre a exposição, tendo ajudado o entrevistado 7 a criar vínculos estreitos com a comunidade e compreendê-la melhor. O *Grindr*, por outro lado, surge como um espaço mais direto e sexualizado, que nem sempre parece acolhedor para quem ainda lida com inseguranças sobre sua identidade.

O mesmo entrevistado desenvolve essa crítica de modo incisivo ao descrever suas práticas no *Grindr*:

Você assume riscos quando utiliza o Grindr, porque, primeiro, quando você conversa com alguém nesse aplicativo, você parte do princípio que é interesse sexual. Quem usa o aplicativo dizendo, “ah não, quero fazer amizade, quero conhecer alguém”, meio que soa como falso, porque o aplicativo é para marcar para foder.

Isso me intimidava um pouquinho, até de conversar no próprio aplicativo, não puxar para o WhatsApp para dar uma só avisada na conversa. Até chegar o momento que eu não usava só para enrolar as pessoas...mas usava como uma ferramenta do fetiche exibicionista, que eu mandava nude para um monte de gente e não transava com ninguém. Mas, é isso.

- Entrevistado 7, 25 de junho de 2024

Essa percepção mostra como a própria arquitetura e reputação do *Grindr* condicionam os modos de subjetivação ali possíveis. A antecipação do sexo como único desfecho possível nas interações limita a agência dos usuários, mesmo daqueles que desejam relações diferentes. Essa expectativa prévia atua como um filtro interpretativo que organiza as interações e até mesmo a disposição de se envolver emocionalmente - constituindo uma espécie de *habitus* digital, nos termos bourdieusianos, que estrutura o campo e orienta as práticas sem necessariamente ser explicitado pelos sujeitos.

As entrevistas também evidenciam uma distinção geracional no modo como os sujeitos se relacionam com o *Grindr* e com as tecnologias digitais de modo geral. Os mais jovens, na faixa dos 20 anos, demonstram maior fluência e adaptabilidade nas interações mediadas por telas, sentindo-se à vontade para conduzir vínculos e até estabelecer afetos através de trocas exclusivamente virtuais, principalmente quando o propósito dessas relações é casual. O entrevistado 1 demonstra isso em sua fala:

Nas primeiras vezes que eu usei, eu era muito medroso. Então, eu não marcava muitos encontros. Mas, eu sempre gostei do flerte, né?

Então, “bora tocar uma foto”. “Bora conversar aqui, falar uma besteira”.

Então, isso eu sempre gostei dentro do aplicativo. Mas, hoje, eu consigo marcar mais encontros. Eu consigo me relacionar, inclusive sexualmente, com outras pessoas. Mas, há também casos onde a gente vai, marca um encontro para conversar. Isso acontece também. Que é uma coisa que não acontecia antes. Então, é basicamente isso.

Hoje, com o término do meu relacionamento... eu me possibilito a fazer coisas que eu não fazia antes por medo. Então, agora, eu estou meio que soltinho no Grindr.

- Entrevistado 1, 05 de julho de 2024

A interiorização das lógicas digitais parece permitir que a curadoria de si, isto é, a construção de uma imagem desejável, coerente e estratégica, seja vivida de modo menos tenso. Para esses sujeitos, os códigos de comunicação digital não apenas são familiares, mas estruturam modos de subjetivação em que desejo, reconhecimento e validação transitam com relativa naturalidade entre o online e o offline.

Em contraste, os entrevistados mais velhos, ainda que pertencentes a faixa etária jovem dos 30, demonstram maior apego a formas tradicionais de sociabilidade. Para esses sujeitos, o contato face a face, com sua carga de improviso, corporeidade e intensidade sensorial, ainda ocupa um lugar privilegiado na construção do desejo e da intimidade. A fala do entrevistado 9 ilustra essa preferência por dinâmicas mais espontâneas e menos mediadas:

Tipo assim, eu saio muito à noite, vou pra balada e tudo mais. Eu prefiro mais esse tipo de contato do que o Grindr. Porque na balada eu ainda consigo ter o interesse

na pessoa, ter aquele flerte, sabe? Porque no Grindr é zero. No Grindr realmente não tem uma conversa, nada. É só mesmo ali, transar e ir embora.
- Entrevistado 9, 19 de junho de 2024

Uma situação interessante, pois é outro ponto que se assemelha ao contexto encontrado por Miskolci em suas análises dos usuários do *Grindr* em São Francisco. Lá existe uma clara distinção entre os gays e bissexuais na faixa etária dos 20 anos - ao qual preferem estabelecer contato por intermédio do app e outras redes sociais -, e aqueles que se encontram na faixa dos 40 anos em diante - optando pelo uso de antigos bairros gays da cidade e seus bares para manter seus vínculos românticos e/ou sexuais. Mostrando que certos moldes sociais ultrapassam contextos geográficos e culturais.

E aqui em Belém, essa diferença aponta para uma clivagem importante na experiência subjetiva da sexualidade: enquanto os mais jovens se mostram confortáveis com a fragmentação e a velocidade das interações digitais, os mais velhos revelam uma certa nostalgia de um tempo em que o desejo se construía de forma processual, implicando troca de olhares, sinais sutis e performances situadas. Aqui, o flerte, entendido como um jogo de ambivalência e tensão, parece ser substituído por uma lógica de eficiência e consumo, característica das plataformas digitais de encontro.

Portanto, essa análise direcionada as interações, performances e estratégias dos usuários do *Grindr* em Belém no primeiro semestre de 2024 revela que mesmo em um espaço que teoricamente se propõe à diversidade e à liberdade sexual, as normas de gênero e os imperativos da masculinidade hegemônica continuam operando de maneira incisiva.

A imagem do "homem discreto" surgiu como uma das expressões mais contundentes dessas dinâmicas, funcionando ao mesmo tempo como um escudo contra a vulnerabilidade social e como um mecanismo de reprodução das hierarquias de gênero dentro do aplicativo. As escolhas de identificação (ou a ausência delas muitas vezes), as preferências sexuais declaradas e as associações com determinadas tribos expõem um campo de disputas simbólicas, onde desejo, reconhecimento e pertencimento são constantemente negociados.

E seja pela afirmação explícita da cisgeneridade, pela omissão de posições sexuais ou pela recusa em adotar rótulos, os usuários constroem performances que equilibram proteção, desejo e inserção social, revelando que as masculinidades LGBTQIAPN+ continuam sendo moldadas por um cenário onde visibilidade e invisibilidade são dimensões políticas e profundamente atravessadas pelas normas de gênero.

Conclusão

A pesquisa apresentada aqui, como já dito anteriormente ao longo de seus capítulos, teve o intuito de compreender com maior profundidade os perfis dos usuários masculinos do aplicativo *Grindr* na região metropolitana de Belém em 2024: as histórias, o modo como construíram sua imagem dentro do espaço virtual e junto a isso, as figuras masculinas existentes dele e o peso que elas têm na suas relações. Por meio de todas as análises foi possível chegar a algumas conclusões.

Primeiro, a construção da imagem masculina é diretamente atravessada por questões sociais, culturais, raciais, econômicas, históricas e de poder, sendo impossível existir apenas um homem imutável, e isso algo que existe no aplicativo, mas simultaneamente, vai muito além dele, tanto historicamente quanto em questão de vivência dos usuários. No entanto, existem masculinidades mais validadas que outras, normalmente atreladas a imagem do homem hetero e da binariedade, e no *Grindr* isso tem se tornado uma constância problemática, levando ao surgimento de uma figura específica, o homem discreto.

Segundo, não apenas o *Grindr* e os aplicativos de relacionamento, mas a era digital como um todo transformou a forma como os homens constroem sua imagem e como os relacionamentos entre homens se formam, modificando permanentemente a homossociabilidade. E essa homossociabilidade também se difere de um lugar para o outro, pois os usuários do *Grindr* de São Francisco tem experiências no aplicativo muito distintas das dos usuários de São Paulo, e que por sua vez, não podem ser colocados no mesmo cenário dos usuários de Belém, os sujeitos deste estudo.

E terceiro, apesar de existir uma constante busca em manter as normas tradicionais de binariedade e heterossexualidade na sociedade, e isso se refletir na forma como os usuários utilizam o *Grindr*, o tornando muitas vezes um espaço excludente para a comunidade, mesmo com o propósito de sua criação sendo o oposto. É inegável que esse mesmo espaço também é repleto de estratégias de resistência e tentativas de subverter essas essas padronizações sobre as masculinidades, os relacionamentos e as imagens.

Mas ao mesmo tempo, existem muitos pontos abordados nesse trabalho que necessitam de mais análise e que definitivamente são relevantes para a historiografia das tecnologias digitais e da comunidade LGBTQIAPN+. Sendo eles: o desenvolvimento dos aplicativos de relacionamento queer no mercado digital; as variações existentes dentre as tribos gays e suas relações entre si; a utilização do *Grindr* fora de centro urbanos; o aumento dos relacionamentos não monogâmicos na era digital; entre outros.

Portanto, espera-se que esse trabalho tenha contribuído para o início do preenchimento das lacunas sobre o aplicativo *Grindr* dentro da historiografia brasileira. E que ele não sirva unicamente como uma conclusão sobre as masculinidades dos usuários de um aplicativo em Belém, mas sim como uma abertura a possibilidade de haver cada vez mais discussão sobre o *Grindr*, os aplicativos de relacionamento e as histórias de seus indivíduos, e que as mesmas não fiquem mais inviabilizadas dentro da historiografia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 2a edição revista e atualizada. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Vol. 1. Tradução de Sérgio Milliet. 1949.

BOURDIEU, Pierre. Conferência do Prêmio Goffman: a Dominação Masculina Revisitada. In Lins, Daniel (org.). A Dominação Masculina Revisitada. Campinas/SP: Papirus, 1998

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. Gênero, v. 8, p. 207-221, 2007.

CONNELL, Raewyn. Masculinidades. Ciudad de México: UNAM/PUEG, 2003.

COSTA, R. S. O que procura? A digitalização do desejo e as performances de masculinidades no aplicativo Grindr. CSONLINE (UFJF), v. 1, p. 188-213, 2021.

COSTA, R. S.; MÔNICA, E. F. Privacidade, liberdade sexual e sigilo: sentidos de liberdade no aplicativo Grindr. Interfaces Científicas – Educação, v. 8, p. 99-116, 2020.

DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DANTAS FILHO, Ronaldo Braga. Concepções de masculinidade e violência por parceiro íntimo praticada: um estudo com homens do Amazonas. 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

ESPINOZA, Alex. Cruising: história íntima de un pasatiempo radical. Tradução de Carlos Valdivia Biedma. Madrid: Dos Bigotes, 2020.

FERREIRA, Judivan Alves. Grindr: um produto gerando processos de aproximações e distanciamentos de gays, bis e queers. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRAGA, Eric. Entre trajes, performances e fantasias: análise de capas da revista G Magazine. 16º Colóquio de Moda. Edição Online, 2021.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GROHMANN, R. Não sou/não curto: sentidos mediados de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. Sessões do Imaginário (Online), v. 21, p. 70, 2016.

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LIMA, N. S.; WIGGERS, R. Masculinidades amazônicas: família, homens e violência. In: 13 Mundos Mulheres & Fazendo Gênero 11 – Transformações, Conexões e Deslocamentos, 2017, Florianópolis. Anais Eletrônicos, 2017.

MARACCI-CARDOSO, J. G.; PAZ, B. M.; ROCHA, K. B.; PIZZINATO, A. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. Psicologia – Universidade de São Paulo (Impresso), v. 30, p. 1, 2019.

MATOS, Maria Izilda. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. Locus: Revista de História, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 125-143, 2011.

MEDEIROS, Ettore S. De “não gosto de cara efeminado nem para ser meu amigo” a “por que tem tantas pessoas heteronormativas?”: masculinidades e discursos dominantes/táticos nas frontagens do Grindr. Revista Artemis, v. 23, n. 1, 2017.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORAES, F.; SABOIA, Ricardo. Corpo, mídia e cultura de celebridade em um aplicativo homoerótico: algumas estratégias de visibilidade no Grindr. In: XXXI Congresso Internacional de Sociologia ALAS, 2017, Montevideu. Anais Eletrônicos, 2017.

MOTA, Pedro. Corporalidades masculinas na Amazônia paraense: entre zonas de regulação, zonas de tensão e espaços interditos na violência urbana. 2024. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

MOZER, T. S.; SANTOS ALVES, Gabriela. Grindr: apontamentos sobre os dispositivos da gentrificação do queer. In: VI Seminário Comunicação e Territorialidades: Caminhos da comunicação no mundo em crise, 2020, Vitória. Anais Eletrônicos, 2020. v. 1. p. 1-15.

OLIVEIRA JÚNIOR, E. B.; CANCELA, C. D. Imagens e representações de masculinidades nas telenovelas. Osis, v. 13, p. 189-211, 2013.

OLIVEIRA, Robson Cardoso de; CANCELA, Cristina Donza. Hierarquia em evidência: um retrato da dominação hegemônica da masculinidade na propaganda de cerveja. Revista NUFEN, v. 4, n. 2, p. 37-48, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: Annablume, 2019.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” In: Estudos Históricos,. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

REZENDE, Renata; COTTA, Diego. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. Contemporânea, Bahia, v. 13, n. 2, p. 348-365, maio/ago. 2015.

REIS, Ramon. Concurso Marquinha do Biquíni: visibilidades político-corporais entre jovens homossexuais 1 em um bairro “periférico” de Belém. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 9, n. 13, 2016

REIS, Ramon ; RIBEIRO, Milton . Dos imaginários sobre a iniciação sexual: intersecções de gênero, raça/cor e sexualidade entre jovens de camadas populares em Belém, Pará. SEXUALIDAD, SALUD Y SOCIEDAD (RIO DE JANEIRO) , p. 89-112, 2017.

REIS, Ramon . -É preciso ser bem visto, não manchar a reputação, se dar o respeito-: dos regimes de visibilidade nas trajetórias de homens homossexuais. REVISTA ÁRTEMIS , v. 23, p. 38-54, 2017.

RUANI, Ruann Moutinho; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. “Isso já passou, tá geral se pegando já”: investigando os usos do Grindr em tempos de pandemia. Revista Docência e Cibercultura, v. 6, n. 2, p. 134-149, 2022.

SANTOS, Elson Silva dos. Eu encontrei ele no Grindr: processos comunicacionais e sociais entre jovens gays em Belém. Orientadora: Manuela do Corral Vieira. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2020.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, A. V. et al. A construção da identidade dos sujeitos nos sites de relacionamentos na internet. Revista Iniciação Científica da Newton Paiva, v. único, p. 26-35, 2009.

SILVA, Cássio José Sousa. O alívio (in)contido do pirangueiro: sujeito e sexualidade em contexto amazônico. Amazônica: Revista de Antropologia (Online), v. 8, p. 372, 2017.

SOUZA JUNIOR, J. C. de. A semiótica do desejo nos usos de emojis no Grindr. Revista Espaço Acadêmico, v. 21, n. 232, p. 114-126, 1 jan. 2022.

SPENCER, Collin. Homossexualidade: uma História. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STACK, Daniel da Silva et al. Masculinidades em aplicativos: uma breve análise da busca afetiva-sexual entre homens usuários do Grindr na cidade de Santa Maria – RS. E-book X CINABEH, v. 2. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

TAVARES, Lucas Teixeira. Uma análise dos discursos circulantes sobre a bicha afeminada no Grindr. Revista Discente Planície Científica, v. 3, p. 100-114, 2021.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. Grindr: a tecnologia a serviço da prostituição masculina no semiárido nordestino. 2018. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Performances de Masculinidades no Grindr: Como os usuários de um aplicativo queer reagem e expressam sua masculinidade?**, sob a responsabilidade do/a pesquisador/a **Mateus Gonçalves da Silva**, que pretende **registrar e analisar as impressões e experiências dos usuários no aplicativo Grindr, assim como verificar o como a homossociabilidade em Belém foi modificada com o uso desse Aplicativo**. Sua participação é voluntária e **se dará por meio de formulários on-line e entrevistas sobre as temáticas estudadas**. Eventualmente, os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa poderão ser o **constrangimento durante a entrevista ou uma observação, dano emocional e/ou quebra de sigilo dos dados coletados**. Caso uma dessas situações ocorra, você poderá se **retirar imediatamente da entrevista e/ou outras etapas da pesquisa, proibindo a divulgação de suas informações caso assim o deseje**. Se aceitar participar, as respostas obtidas com esta pesquisa contribuirão para um **melhor entendimento científico do aplicativo Grindr e seus efeitos sociais no meio científico, além de cooperar para aumentar os estudos sociais, sobre a comunidade queer e refletir acerca de assuntos ligados ao gênero e sexualidade humanos**. Se desistir de continuar participando após consentir a sua participação, o/a Sr. (a) terá o direito e a liberdade para retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O/a Sr (a) não terá qualquer despesa e não receberá remuneração por esta pesquisa. Os resultados da enquete serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será de modo algum divulgada, uma vez que está em sigilo a partir de sua adesão aos termos deste documento. Para quaisquer outras informações, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o/a pesquisador/a no seguinte endereço de **email: mateus.goncalves.silva@ifch.ufpa.br**, **telefone: (91) 98748-1515 e/ou perfil de instagram: mateus_silva132**

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

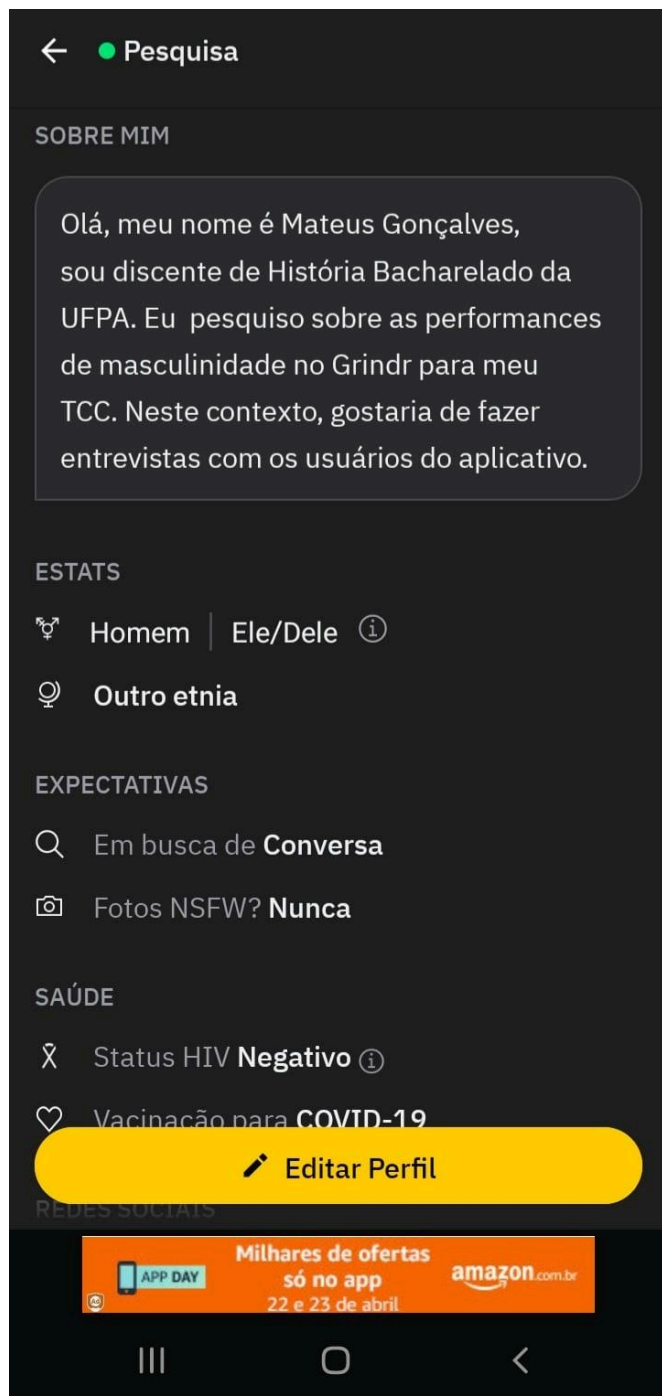
Eu, _____, fui informado sobre o que o/a pesquisador/a deseja realizar e sobre a razão da minha colaboração, e compreendi a explicação do termo de consentimento para colaboração à pesquisa. Por isso, concordo em participar da enquete, sabendo que não ganharei emolumentos e que posso rescindir minha adesão quando desejar. Este documento é emitido em duas vias, que são assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

Assinatura do Pesquisador responsável

Belém (PA), Data: ____/____/____

APÊNDICE B - PERFIL DE PESQUISA



APÊNDICE C - PERGUNTAS DOS FORMULÁRIOS**FORMULÁRIO 1**

1. Como você define sua orientação sexual?

homossexual heterossexual bissexual assexual pansexual

2. Caso não se considere hétero, sua orientação sexual é assumida? Seja para amigos e/ou familiares

Sim Não

3. Você utiliza o aplicativo Grindr com frequência?

Sim Não

4. Você também faz uso do aplicativo de relacionamento, Tinder?

Sim Não

5. Caso sua resposta à pergunta anterior tenha sido sim, você faz uso do Tinder e do Grindr para os mesmos fins?

Sim Não

6. Na sua opinião, qual perfil parece mais chamativo?

Urso Papai Discreto Malhadinho Rústico Garotos Elegante
 Barbie Nerd Couro Assumido Trans

7. Você acredita que um cara ser viril o torna mais atraente ?

Sim Não

8. Você já perdeu um encontro por não te acharem masculino o suficiente?

Sim Não

9. Você já se sentiu julgado de algum modo no aplicativo?

Sim Não

10. Você estaria disposto a ser entrevistado? (Lembrando que os resultados da pesquisa serão analisados e divulgados, porém sua identidade será guardada em sigilo, e um documento de consentimento lhe será entregue antes de qualquer coisa)

Sim Não

FORMULÁRIO 2

1. Qual é/são seu(s) apelido(s)? (Ele será utilizado para identificá-lo na enquete a partir de agora. O apelido pode ser seu nickname de usuário no Grindr ou outro com o qual você se identifique)

2. Sua idade?

3. Status de Relacionamento?

- Solteiro Caso Exclusivo Comprometido Noivo Casado
 Relacionamento Aberto

4. Qual seu bairro? (Importante para a geolocalização do aplicativo)

5. A quanto tempo você está no Grindr?

6. Com qual tribo você se identifica? (Pode marcar mais de uma opção)

- Urso Papai Discreto Malhadinho Rústico Garotos Elegante
 Couro Assumido Trans Acompanhante

7. Como você define sua orientação sexual para outras pessoas?

8. Qual sua posição sexual preferida? (Pergunta íntima. Não responder, caso se sinta constrangido)

9. Por qual meio você prefere meu contato?

10. Caso você tenha escolhido uma forma de contato diferente do Grindr, por favor informe abaixo seu contato (E-mail, Whatsapp e/ou Instagram)

11. Como você prefere a entrevista?

12. Caso você tenha escolhido o modo presencial, tem sugestão de local adequado para a realização da entrevista? (Os detalhes serão acertados posteriormente)

FORMULÁRIO 3

Qual seu apelido? (Por favor escreva aquele ao qual você optou anteriormente)

1. Alguma vez sentiu necessidade de esconder sua orientação sexual?

Sim Não

2. Tem uma pessoa com quem você compartilha informações sobre seus encontros e/ou relacionamentos?

Sim Não

3. Na sua opinião, é mais fácil ou difícil viver sua sexualidade utilizando o Grindr? Por que?

Sim Não

4. Alguma vez, a sua localização no aplicativo foi um fator determinante para você encontrar alguém?

Sim Não

5. Você já se sentiu ameaçado, quer por meio de mensagens e/ou durante um encontro marcado pelo Grindr ?

Sim Não

6. Conseguiu desenvolver de forma duradoura (dias, meses, semanas ou anos) algum tipo de relacionamento amoroso ou sexual por meio do aplicativo ?

Sim Não

7. Você foi ou se sentiu julgado por sua posição sexual (ativo, passivo, ou ambos)? Pode explicar isso?

Sim Não

8. As “tribos gays” (ursos, barbies, nerds, discretos, malhadinhos, papais, couros, elegantes, garotos, sóbrios, soropositivos e/ou trans) têm alguma influência sobre em quem você se interessa?

Sim Não

9. Foi rejeitado ou rejeitou alguém ao encontrar pessoalmente outro usuário do Grindr, após trocarem mensagens no aplicativo? Por que?

10. Por favor, diga qual seria a aparência de parceiro sexual e/ou o comportamento dele mais atraente para você? Por que?

FORMULÁRIO 4/Perfil

Nome de usuário?

Gênero?

Pronomes?

Idade?

Sexualidade?

Posição?

- Sem resposta Passivo Versátil passivo Ativo Versátil Ativo Versátil
 Sem Penetração

Altura?

Peso?

- Cor da Pele Negra Parda Amarela Branca Não me encaixo nessas descrições

Etnia?

- Latino Asiático Quilombola Indígena Árabe Mestiço Não me encaixo nessas descrições

Porte Físico?

- Sem resposta Comum Grande Magro Musculoso Parrudo
 Torneado

Bairro em que mora?

Relacionamento Atual

- Solteiro(a) Casado Com parceiro Noivo Relacionamento Aberto
 Exclusivo Caso Não sei informar

Escolaridade?

- Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo
 Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo
 Superior Incompleto Superior Completo

Profissão/Ocupação?

Já morou fora do estado? Caso a resposta seja sim, onde foi?

Você tem algum sonho? Se sim, qual?

Quais assuntos você mais gosta de debater/conversar?

Você tem algum tipo de fetiche? Se sim qual

Existem diversos tipos de masculinidades e formas de expressá-la. Nas suas palavras, explique qual é a sua masculinidade e como as pessoas a recebem?

FORMULÁRIO 4/Cronologia

Em que ano você percebeu sua sexualidade?

Em que ano você expôs ou teve sua sexualidade exposta pela primeira vez? (Mesmo que tenha sido para uma única pessoa)

Em que ano você teve sua primeira experiência afetiva/sexual com outro homem?

Em que ano você viveu ou presenciou de forma mais forte o preconceito por conta da sexualidade?

Em que ano você entrou no Grindr pela primeira vez?

Caso você tenha excluído o aplicativo por algum motivo. Em que ano esse momento ocorreu?

Em que ano você viveu sua experiência afetivo/sexual mais impactante por meio dele? (Seja positiva ou negativa, algo que até hoje você lembra)

FORMULÁRIO 4/Perfil Desejado

Idade?

Bairro em que mora?

Qual a cor/etnia dele?

Altura?

Porte físico?

Posição?

- Passivo Versátil Passivo Ativo Versátil Ativo Sem penetração
 Sem resposta

Profissão/Ocupação?

Defina em 5 palavras o comportamento que você gostaria que ele tivesse?

Que tipo de relação você gostaria de ter com ele?

Como você definiria a masculinidade dele?

APÊNDICE D - PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS

PERGUNTAS ABERTAS E SEMI-ABERTAS PARA A ENTREVISTA

SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL

1. Quando e como você descobriu/compreendeu sua orientação sexual?
2. Você teve que lidar com algum tipo de rejeição por conta disso? E se sim, como você enfrentou essa rejeição?
3. Como você definiria seus encontros antes de se inscrever no Grindr? Teve algum encontro marcante positivamente/negativamente para você fora do Grindr?

EXPERIÊNCIA NO GRINDR

4. O que te levou a utilizar o aplicativo Grindr?
5. Como são suas principais interações no Grindr? O que mais ocorre em suas conversas? Com que frequência? Por que?
6. Os encontros que você teve por meio do Grindr atenderam suas expectativas ou não? Por que? Foram como você imaginou que seriam?
7. Que tipos de relacionamento você desenvolveu no Grindr? Algum deles dura até hoje? Por que?
8. Como você utiliza a geolocalização para marcar seus encontros no aplicativo Grindr?

O MASCULINO NO GRINDR

9. Alguma vez te questionaram sobre sua orientação sexual no aplicativo Grindr? Se sim, como e por que aconteceu?
10. A comunidade *queer na vida social*, e no Grindr se utiliza das “tribos” (dizer todas...) como uma forma de marcador das identidades dos usuários do aplicativo. Você se identifica com alguma tribo? Há cobrança dos outros usuários do aplicativo para você se identificar com alguma tribo?
11. O que fez você se identificar com alguma das tribos? Sua aparência? Seus gostos? ou sua personalidade?
12. Você foi criticado e/ou elogiado pela sua aparência física? Sua aparência física foi associada à posição que você exerce na relação sexual (ativo, passivo, ambos)? Como ocorreu isso?
13. Você foi rejeitado ou aceito/escolhido por outro usuário por ser julgado afeminado? Você rejeitou outro usuário do Grindr por esse motivo? Se essa rejeição ou aceitação/escolha ocorreu, como você e o outro usuário reagiram a isso?
14. No formulário, você descreveu o tipo de homem que acha atraente. Consegue explicar por que esse tipo de usuário lhe atrai?

APÊNDICE E - BANCO DE DADOS (50 PERFIS)

PARTE 1

GRINDR PERFIS																
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
NOME DE USUARIO	IDADE	POSIÇÃO	TAGS	ETNIA	GENERO	PRONOME	ESTADO CIVIL	ALTURA	TRIBOS	FISICO*	PESO	OBJETIVO	DESCRIÇÃO	LOCAL	IMAGEM	DATA
ANONOVOEMCASA	30	VERSATIL	BARBU DO BI-DEFILADO AMIGOS DOTADO CASUAL-CON FIAVEL-GROSSO	NEGRE	HOMEM	X	X	1,66	X	MAGRO	60KG	CONVERSA	X	X	X	01/01/2024
PASSA TEMPO	26	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	CONVERSA	X	X	ROSTO E TORSO VESTIDO	01/01/2024
NAUGHTY BOY	X	VERSATIL PASSIVO	NOCARRO	X	HOMEM	X	X	X	X	TORNEADO	X	FICADAS	X	X	TORSO VESTIDO	01/01/2024
X	34	PASSIVO	NOCARRO DE BOAS-SOCOM CAMISINHA E NCNONTROS-A MIZADECOLO RIDA-BELIOS-MACHO	X	X	X	X	1,66	DISCRETO	X	X	ENCONTROS	X	X	X	01/01/2024
X	32	X	X	X	HOMEM CIS	X	X	1,67	NERO	X	63KG	X	X	X	ROSTO	01/01/2024
FODA LOCAL	X	PASSIVO	BARBU DO MINADOR-AMIZADECOLORIDA-DOTADO FETICHE-COIRO-AXILA-CUSPIDA	LATINO	HOMEM	ELUI/DELU	SOLTEIRO	1,62	PAPA- DISCRETO	COMUM	65KG	ENCONTROS-RELACIONAMENTO	X	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
EW	X	VERSATIL ATIVO	FLORIDA-BELIA	NEGRE	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1,66	ELEGANTE	MAGRO	64KG	CONVERSA E NCONTROS	X	MINHA CASA-BAR-CAFETERIA	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
DE BOA	31	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	CONVERSA E NCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-FICADAS	X	X	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
SAULO	46	VERSATIL	X	BRANCO	HOMEM/HOMEM CIS	ELE/DELE	X	1,71	URSO	MAGRO	75KG	CONVERSA E NCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-RELACIONAMENTOS-FICADAS	X	MINHA CASA-SUA CASA-BAR-CAFETERIA-RESTAURANTE	X	01/01/2024
COM LOCAL	X	PASSIVO	BARBU DO MILITAR-BI-AMIZADECOLORIDA-DOTADO-NOVINHO	MESTIÇO	HOMEM	X	X	X	X	COMUM	X	ENCONTROS	TENHO LOCAL	MINHA CASA	X	01/01/2024
CASADO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	01/01/2024
SOU ATIVO	27	ATIVO	X	NEGRE	HOMEM	X	X	1,8	X	X	89KG	X	X	X	X	01/01/2024
KSAL	27	VERSATIL	X	X	HOMEM	ELUI/DELU	RELACIONAMENTO ABERTO	1,62	X	COMUM	65KG	FICADAS	FOTO DE ROSTO NO PRIMEIRO CONTATO E EDUCAÇÃO	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
X	X	PASSIVO	ENCONTROS- DISCRETO-PE S-RELACIONAMENTO-MADURO-FILMES-MAMILOS-MUSCULAÇÃO-MILU	MESTIÇO	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1,73	DISCRETO	PARRUDO	92KG	CONVERSA- ENCONTROS- AMIGOS-CONTATOS-RELACIONAMENTO-FICADAS	X	MINHA CASA	ROSTO E TORSO VESTIDO	01/01/2024
JR	35	PASSIVO	GENTIL-NOCARRO-SOCOMCAMISINHA-ENCONTROS-DISCRETO-NERD-BELIOS-RAPIDINHA-CONFIAVEL	BRANCO	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1,82	ELEGANTE-DISCRETO-NERD	GRANDE	97KG	CONVERSA-FICADAS	GOSTO DE VIAJAR E ME DIVERTIR. HIGIENE E SEGURANCA EM PRIMEIRO LUGAR. SOU CONTRA GPS,FAKES,DROGAS E PARANOICOS	BAR-CAFETERIA	ROSTO E PAISAGEM	01/01/2024

PARTE 3

33	EAI 🍷	X	VERSÁTIL PASSIVO	UNIVERSITÁRIO CARINHOSO AMIZADECOLORIDA GAYMER PELUDO-TATUAGENS	BRANCO	HOMEM CIS	X	SOLTEIRO	1.75	DISCRETO-NERD-GAROTOS	COMUM	83KG	CONVERSA E ENCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-FICADAS	FOTO DE ROSTO NO 1 CONTATO	SUA CASA	ROSTO E PERFIL	01/01/2024
34	SOZINHO LOMAS	30	VERSÁTIL	AVENTUREIRO BARBUDDO-AMIZADECOLORIDA-BELOS	NEGRO	HOMEM CIS	X	SOLTEIRO	1.79	URSO	PARRUDO	99KG	X	SOU LIBRIANO E BELO BEM	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
35	DOTADÃO	31	ATIVO	CURIOSO AVENTUREIRO BONDAGE-DEBOAS-CONFIANTE-AMIGOS-BEIJOS-AGORA-CONFIAVEL-BRINQUEDOS	NEGRO	HOMEM CIS	ELE/DELE	SOLTEIRO	1.77	DISCRETO	TORNEADO	90KG	CONVERSA E ENCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-RELACIONAMENTO-FICADAS	UM POEMA	SUA CASA-BAR-CAFETERIA-RESTAURANTE	PAISAGEM	01/01/2024
36	FELIZ2024 🍷	34	ATIVO	SIGILO-BIBONDAGE-DEBOAS-PRESERVATIVOS-DADY-DIRETO	INDIGENA	HOMEM CIS	ELE/DELE	EXCLUSIVO	1.77	ELEGANTE-PAI DISCRETO	PARRUDO	80KG	CONVERSA E ENCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-FICADAS	BRUTO PELUDO, QUERO SUBMISSO, SIGILO, USO DROGA E NÃO TENHO LOCAL	X	UM CARTÃO DE FIM DE ANO	01/01/2024
37	VERO RIO...	18	PASSIVO	AVENTUREIRO-CONFIANTE-CARINHOSO-DANÇAR-BRINCALHÃO-ATLETICO-BELOS-CONFIAVEL	NEGRO	HOMEM CIS	ELE/DELE	RELACIONAMENTO ABERTO	1.66	MALHADINHO	MUSCULOSO	66KG	X	SÓ BELO	X	ROSTO E TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
38	CURTIR	29	VERSÁTIL	X	MESTIÇO	HOMEM	X	SOLTEIRO	1.76	DISCRETO	COMUM	63KG	CONVERSA	DAR DE BICICLETA	SUA CASA	CORPO SÓ DE CUECA	01/01/2024
39	ATIVO GORDO	28	ATIVO	SOCOMCAMILHA-DISCRETODOMINADOR-GROSSO	NEGRO	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1.60	URSO-DISCRETO-SÓBRO	GRANDE	100KG	CONVERSA E ENCONTROS-A MIGOS-CONTATOS-RELACIONAMENTOS-FICADAS	X	X	PERNAS E SAPATOS	01/01/2024
40	QUERIALUGAPEGAC	27	VERSÁTIL ATIVO	AVENTUREIRO-BI-CONFIANTE-AMIZADECOLORIDA-BRINCALHÃO-BEIJOS-AGORA-CONFIAVEL	OUTRA ETNIA	HOMEM	ELE/DELE	SOLTEIRO	1.72	ELEGANTE	COMUM	64KG	CONVERSA E ENCONTROS-A MIGOS-CONTATOS	X	SUA CASA-BAR-CAFETERIA-RESTAURANTE	X	01/01/2024
41	DOT VS DOT	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	SOU DISCRETO E CURTO CARAS NORMAIS	X	X	01/01/2024
42	PARRUDO	43	VERSÁTIL	AVENTUREIRO	MESTIÇO	HOMEM	X	SOLTEIRO	1.74	DISCRETO	PARRUDO	98KG	CONVERSA	X	X	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
43	MORENO PALUZDO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	QUERO CARAS NÃO ASSUMIDOS E COM MULHER	X	X	01/01/2024
44	PAI ATIV(KOROA	X	X	DECOLORIDA-E	BRANCO	HOMEM	X	SOLTEIRO	1.70	URSO	COMUM	69KG	CONVERSA	DISCRETO, NÃO QUERO GP E CURTO SER MAMADO	X	CUECA E COXA	01/01/2024

PARTE 4

45	AFIM AGR	X	X	CURIOSO DADY-AMIZADECOLORIDA GLO RYHOLE-RELACIONAMENTO-EMPUBLICO-SUBMISSO	X	HOMEM	X	SOLTEIRO	X	X	X	X	DENTATO-FICAD	X	MINHA CASA-SUA CASA	X	01/01/2024
46	SACANADOTADO	40	VERSATIL	COZINHAR-VENTUREIRO-A-NIME-CONFIANTE-AMIGOS-AMIZADECOLORIDA BRINCALHÃO-BELOS-AGORA-BRINQUEDOS	INDIGENA	HOMEM	X	SOLTEIRO	1.72	DISCRETO	COMUM	75KG	CONVERSA-E ENCONTROS-AMIGOS-CONTATOS	SOU SAFADO E TRABALHO COM ESTETICA MASCULINA	X	TORSO VESTIDO	01/01/2024
47	MATHEUS	23	VERSATIL	DEPILADO-DISCRETO-FASTFODA-COM-LOCAL-RAPIDINHACHO-PALMADAS	LATINO	HOMEM CIS	ELE/DELE	SOLTEIRO	1.79	URSO-DISCRETO-GAROTOS	GRANDE	156KG	CONTROS-FICAD	NÃO MANDO NUDES; SOU MONOGAMICO E CURTO MAGRELO	MINHA CASA-SUA CASA	X	01/01/2024
48	QUERO MAMAR	X	PASSIVO	DAS-BELOS-AG	X	X	X	X	X	X	X	X	FICADAS	OS CARAS SE ACHAM DEMAIS AQUI DENTRO	X	ROSTO	01/01/2024
49	AGORA	X	VERSATIL	X	LATINO	X	X	SOLTEIRO	1.73	X	TORNEADO	80KG	X	FOTO DE ROSTO	X	TORSO SEM CAMISA	01/01/2024
50	X	X	ATIVO	X	NEGRO	X	X	X	1.79	DISCRETO	X	74KG	FICADAS	F1	X	PARTES EMBACADAS DO CORPO	01/01/2024
51	X	X	ATIVO	X	X	HOMEM	X	X	X	X	X	X	FICADAS	X	X	X	01/01/2024
52	CIL PASS	X	PASSIVO	X	BRANCO	X	X	X	1.70	X	MAGRO	X	X	NÃO SOU MACHÃO E NEM AFEMINADO; SO QUER ALGO CASUAL	X	ROSTO E CORPO SÓ DE CUECA	01/01/2024